

BRASIL-PORTUGAL

16 DE FEVEREIRO DE 1903

N.º 98



Palácio e jardins do Marquez de Fronteira, em S. Domingos de Bemfica

Homenagem a Garrett

Em uma das salas da Sociedade de Geographia, commemorou a Sociedade Litteraria Almeida Garrett na noite de 4 de fevereiro o 104.º anniversario do nascimento do grande reformador da litteratura portugueza. Foi uma manifestação simples mas tocente. Pela voz de diversos oradores, que foram além do memorável presidente do conselho director o sr. conde



Dr. Alexandre Braga
Advogado

de Valença, que é um litterato distinctissimo, os srs. dr. Zeferino Candido, que os leitores do «Brasil-Portugal» conhecem por termos dado já por duas vezes o seu retrato, e dr. Alexandre Braga, advogado distinctissimo e um dos oradores mais notaveis que ha muito apparecem nos nossos tribunaes, prestou essa sociedade o seu preto de homenagem á memoria de Garrett.

O dr. Alexandre Braga apresentavel-o aqui, n'uma gravura extrahida de uma photographia recente, tirada no novo atelier do nosso illustre collaborador artistico Arnaldo Foscato. Do dr. Zeferino Candido, damos em seguida um trecho do seu discurso, que foi um longo estudo sobre Garrett, assim como damos, acompanhando o retrato do poeta, a poesia verdadeiramente impercível recitada por Alberto Bramão, jornalista distinctissimo, hoje deputado ás cortes e secretario do sr. presidente do conselho.

O Pantheon e Garrett

Tres seculos devolvidos sobre os *Luziadas*, depois que essa obra se impuzera ao mundo como uma das mais altas concepções do espirito humano, um movimento de dignidade acordon no espirito publico o tardio pagamento d'uma divida nacional. Os Jeronymos, que na pedra atestam a grandeza da maior epopeia até hoje realisada pela audacia d'uma raça conquistadora, guardam como um dos seus mais notaveis trophens as cinzas, reses ou symbolicas, do sublime cantor dos lusos. Foi uma iniciativa particular, a que o espirito nacional se aggregou com a alma toda, e que a acção official veio, rendida, rubricar com os sellos da sua autorisada sanção.

Um grupo de amigos, discipulos e admiradores, levou Herculeano a esse mesmo monumento. Um decreto garante a esse vulto egregio, cujas intensas fulgurações mal começam ainda a ser devidamente apreciadas, a solidão do seu tumulo, como, em vida, em solidão tambem fortalecera o seu espirito. A acção official veio ali de novo, como nune de graças, rubricando e valorizando esse trabalho de iniciativa intensa, mas restricta, mas particular.

Novo movimento, agora ordenado, imposto por uma corporação de grandes fins e, por isso mesmo, de grande auctoridade moral, renata uma celebração de intenso brilho para os brios nacionaes, por collocar o heroe ao lado do seu cantor. Symbols ou realidades, lá os temos, n'uma d'essas capellas, esperando novos movimentos que, por igual impulso de honra nacional, para ali conduzam os restos, symbols ou realidades, dos que completaram a epopeia da navegação e da conquista. A acção official sentiu-se arrastada por esse bello impulso e devemos confessar que não foi d'esta vez sem violentas resistencias e opposições que ella veio sagrar mais essa honrosa iniciativa.

Um quente enthusiasmo, que explodira em monumental sagração ao poeta-pedagogo, ainda em vida, conduziu-lhe os restos mortaes para um canto do sumptuoso monumento, agora convertido convencionalmente em pantheon nacional. João de Deus entrou ali logo apoz da morte, em realisação d'um julgamento que se lhe fizera em vida. E' ainda uma conquista da iniciativa particular, a que a acção official concede a sua consagração, imposta e não discutida.

Pronuncia-se como proxima realidade a entrada de Garrett. Deve-se esse impulso de justiça e de dever civico, ainda á devota iniciativa d'um grupo de homens benemeritos, os mesmos que hoje vem aqui, em ajuntamento de piedade patriótica, celebrar o nascimento, em seu portugez, d'esse sol de brilho inextinguível. Homens de fé, de vontade e de poder, vencerão, mais uma vez, as difficuldades officiaes, e a acção governativa virá ainda cunhar esse novo titulo da nossa infatigavel iniciativa particular.

Veiu o esorcio para duas afirmações que, de entrada, desejo fazer, e que, por si, chegariam para desobriga do compromisso que tomei, ao aceitar o honroso convite que aqui me traz. Por tão grandes as tenho eu, no julgamento que faço das nossas necessidades nacionaes.

E' a primeira render merecida homenagem a esta poderosa iniciativa que a nossa terra se vai exercendo, em proporções, que só pôde apreciar quem cotejar os seus frutos com a esterilidade do meio em que ella fecunda.

E' a segunda pedir uma acção mais forte, mais justa e mais patriótica, por meio da associação de tantos elementos esparços, afim de que, no paiz, se constitua um tribunal que julgue todos estes pleitos a que anda apenas a honra da patria.

Justo é necessario é que ao Pantheon vá o fulgurante cantor da *D. Branca* e do *Camões*, o inimitavel artista do *Irei Luiz de Sousa* e das *Folhas Cadidas*. Não menos justo e necessario é tambem, que uma severa apreciação de homens e acções seja feita, de forma que essas dividas, todas urgentes, todas de ha muito convertidas em dividas de honra, sejam integralmente pagas.

E não deixar este melindroso assunto, largado ali ao azar d'uma clientela, d'uma preferencia sentimental, que podem causar fortes danos e irremediaveis injustiças.

Assim como existe uma comissão de caracter official que cuida dos nossos monumentos, acutelando-os d'um desrespeito e barbaria deploravel, não menos justo, necessario e urgente é, que uma outra corporação, não menos autorisada, não menos caracterisada, cuide do agasalho dos nossos grandes heroes, que, em campos diversos, mas por brilho tão forte, têm engrandecido esta patria nossa.

E' extensa a galeria das grandes portugezes e de fazel-a em justa e ordenada classificação vemos-nos com um lustre não inferior ao da guarda dos monumentos nacionaes, levantados em sua honra. Nesses homens havia a virtude heroica, que os monumentos apenas commemoram, de modo symbolico e inominato.

Conveniente seria que, em amplo pantheon, se reunissem, o mais brevemente, os restos mortaes de tantos. Mas com similhante desejo nos não devemos deter, retardando o grande preito.

Vemos os symbols de cada um com a reserva dos seus logares, para serem occupados com as realidades, quando estas sejam encontradas.

Na feixe de louvores com que me dirijo á benemerita Sociedade Lit-



Dr. Alberto Bramão
Jornalista e poeta

teria Almeida Garrett vai este apelo da minha alma patriota, para que abra os seus olhos, para as portas da sua poderosa iniciativa, de forma a realizar este alto ideal nosso.

I

Uma das leis mais averiguadas na concepção historica das litteraturas é a coadunação de cada epoca litteraria, até a dependencia immediata, á forma politica das sociedades; a sua inevitavel sujeição á summa moral e patologica dos contemporaneos.

Nos cinco mais celebres poemas da litteratura antiga — *Iliada*, *Eneida*, *Orlando furioso*, *Luziadas* e *Jerusalem libertada*, onde se patenteia o

alto poder creador do genio, ali mesmo uma justa analyse deduzirá aquella lei. O espirito de liberdade que fertilisa o meio é que permitia e regulava a expansão espiritual dos incomparaveis artistas; e a dose de fantasia que esses poemas revelam, que a outras epochas se apresenta monstruosa e por isso se julga como reverberações imaginativas do genio, passa facilmente a uma comprehensiva adaptação ao modo de sentir e de ser do meio.

Os gregos do tempo de Homero tinham o valor e a força como a mais nobre qualidade humana, a gloria da patria como a mais alta ambição nacional. O amor da familia, até mesmo o paternal e o conjugal, se não eram pieguinhos aos olhos dos gregos, eram sempre prisiones que inferiorizavam a especie; os affectos moraes sentem-se apenas em esboço n'essa civilização que alvorecia. Dahi vem a pintura de Homero: — dos valentes de Troia, tendo na frente Heitor, como homem; dos heros gregos, sobrepujados por Achilles, egualando-se aos deuses. D'essa pintura intensa da ideia o quadro do troiano que, tendo visto fugir ante si Diomedes, o vencedor de um nume, vem a cair, vencido e morto, aos pés de Achilles.

Virgilio parece abrir com a Eneida uma excepção á lei apontada. Foi no tempo em que Cepias se assentava chorando sobre a campã da patria, quando a gloria da invencível e immortal Roma parecia extinta, porque a escravidão do império tinha exterminado a liberdade; foi n'esse convívio de prostituição do palacio de Augusto, de que o poeta era parceiro, que nasceu esse hymno á gloria e á patria. Mas a Eneida reveste a forma e o sentir da Roma em que o poeta viveu, se se atender a que a tyrania de Augusto não tinha podido ainda extinguir no recessos da alma popular o culto á liberdade, e se se observar que o mesmo poema, na sua grandeza, patenteia esta dualidade e contraste do sentir da consciencia com a pratica impetuosa dos victos mais degradantes. O que mais admira é que o poeta, afagado por Augusto e seduzido pelas ofertas de Mecenas, tivesse a sufficiente liberdade para dar á sua patria um berço heroico.

Mas lá estão os heros da Eneida, na sua urdidura, a definir uma inferioridade moral, uma mesquinhez por vezes incomportaveis com a gloria e o heroismo, mas attestantes do epicurismo depravado em que o poeta viveu.

O filho de Anchises, o unico heros consistente que se conserva na nossa memoria depois da leitura do poema, o mesmo Eneas, é muito inferior a Achilles, como Virgilio é inferior a Homero.

Pinta bem a moralidade do seculo de Augusto todo esse livro 4.º da Eneida em que uma mulher, poderosa e apaixonada, é seduzida, explorada e abandonada por fim! A baixez do sentimento e o desprezo pela hospitalidade, não iria o poeta immolando os mesmos amor da patria, se não fosse o meio vil e dissoluto em que viveu.

Camões mostra-nos tres eixos, de vigor intenso como não ha igual, sobre os quaes architecta esse poema, onde a faísca do genio vai algumas vezes até o divino; o spasmico que as suas fulgurações produzem na nossa alma sentimental. Na nossa, que mais de perto comprehende a realidade dos assumptos, pela circumstancia de trazermos em nós a continuidade das passadas vibrações; na alma de extranhos, que se extasiavam diante dos quadros, sem a mesma possibilidade que nos pertence de fazer comparações com a realidade historica dos successos.

Esses tres eixos, ao mesmo tempo tres causas a que devemos o monumento, são — a rigorosa comprehensão dos heroismos, no presente, dentro dos quaes o poeta foi não só testemunha como heros; a evocação d'um passado, todo de glorias e de grandezas, que trazia a homogeneidade ao alto canto; e enfim as tristes apprehensões, as amarguras feitas da miséria do ultimo momento, em que sobre essa raça de heros parecia despenhar-se a tempestade dos infortúnios e talvez da morte. Este ultimo sentimento parece ser o predominante para a finalisação e publicidade da obra, que, por ventura, o epico profetizava necessaria é salvação da patria, que elle via extinguir-se com a luz da propria existencia. Os tempos têm lhe dado razão e a patria deve-lhe este penhor, não menos valioso que os meritos intrinsecos da propria epopeia.

Porque, em todos e tantos momentos afflictivos, em que a morte parece ser o final destino d'este povo, que o poeta definiu immortal e eterno, tem sido ella, a sua obra, convertida em Bília, que tem arrancado as garras insaciaveis dos abutres, esta nação, forte e indomavel ainda na sua agonia.

E ali, n'esse confronto que temos o direito de fazer, dos dois cantores da sua patria, no momento em que a triste realidade só lhes mostrava a miséria, entre Camões e Virgilio, é que nos salta para nós essa justiça consoladora da nossa superioridade no genio.

Camões sai d'esse meio, já corrompido, já viciado pela escravidão da corte de D. João 3.º, das regências e do impotente e indolente viciado de Alcazar, com uma alma acesa na esperança, no ideal, em cujos braços confiadamente expira; Camões dá aos seus quadros, aos seus personagens, ao seu cantar, uma coloração de brilho, incompatível com a inspiração do miseravel meio em que vivia. E' que a sua alma crente, apaixonada e consciente de uma sublime missão que antevia, evocava a inspiração forte d'um passado em que se alimentava o genio, e das misérias do tempo apenas sorvia em haustos uma necessaria força moral, feita do repellido, de colio e de justiça, com a qual se vigorava no trabalho.

Ariosto e Tasso cantam glorias que sentem, que admiram, a que reconhecem todo o valor generoso e heroico, mas a que não podem ligar o vivo sentimento d'uma participação, fosse de gloria, fosse de desventura, porque os dois não tinham patria, visto que, como bem disse Hercules — *é não ter a nascer em terra de serros*. Mas ainda ali, no hymno á cavallaria e ás Cruzadas, os dois genios revelam como a sua obra nascia d'um reflexo das aspirações, dos ideaes, d'uma patria de milites, d'uma civilização inteira que era a sua, d'um meio que era o seu meio. Era pedir uma acção mais forte, mais decisiva, o engrandecer as duas heroicas, mas infructiferas investidas, com que os cavaleiros medievales e os da cruz pretendiam responder á pergunta que o islão deixara na sua avassaladora invasão das peninsulas, apagação do christianismo.

A lei da correlatividade patenteia-se sempre nos grandes productos do genio.

ZEFERINO CANDIDO.

O GENIO

O genio! o genio! essa divina abelha
Que gira o mel da flor espirital,
E' como a encarnação d'uma scintilla,
Cahida d'alguem mundo sideral!

Quando se arroja em altas concepções,
Quer chore ou cante, tenha sceptro ou cruz,
No genio ha a essencia d'essa luz
Que accende os astros e as constellações!

Ha no oceano da Historia cerrações
Onde se escuta só
O marulhar do tempo, que em si leva
Ondas de gerações,
Almas desfeitas, corações em pó...
Nem um pharol na escuridão se eleva!
Mas apparece um genio e, aos seus clarões,
Illuminam-se seculos de treva!

Cada genio que sabe do amargo trillo
Das paixões d'esta vida transitoria,
Sóbe no azul, até fixar o brilho,
Como estrella immortal, no ceu da gloria!

Mas deixa no ar um luminoso rastro,
Que nos conduz, em atos de sanidade,
A' sua luz tão bella.
Para recordar sempre á humanidade,
Que já viveu n'este planeta esse astro,
Que já morou na terra aquella estrella!

D. ALBERTO BRANCO.



Marquês de Fronteira

† na sua casa de Bemfica a 10-2-1904



velho fidalgo cujo retrato damos, em commemoração do seu passamento, tinha 74 annos. Casado desde 1856 com a sr.ª D. Maria de Mascarenhas Barreto, filha unica do velho general Marquês de Fronteira, foi agraciado por morte d'este com aquelle titulo. Antigo diplomata, educado finamente em Londres, era um apaixonado cultor da arte musical. *Virtuoso* distincto, *dilettante* assíduo de S. Carlos, foi um dos fundadores da Real Academia de Amadores de Musica. Era par do reino, camareiro de El-Rei, tendo-o sido em tempo tambem de El-Rei D. Fernando, provedor do aylo Maria Pia, e Gran Cruz da Concepção e de Leopoldo da Belgica. Como homem era um delicioso cavalheiro, realçando sempre no seu trato, as altas qualidades do seu espirito e das suas maneiras.

Morreu na encantadora vivenda de S. Domingos de Bemfica, que hoje reproduzimos em gravuras e cujos jardins, artisticamente tratados, eram ha longos annos cultivados com grande esmero sob a sua direcção.

Viagem da Rainha de Portugal

A viagem de S. M. a Rainha a Senhora D. Amelia, a bordo do «yacht» de El-Rei, pelo Mediterraneo, oferece ao conselho dos seus médicos. E a uma tempo uma viagem de «agrément» e de restabelecimento. Que a bondosa Princesa encontre n'ella o seu bem estar, é o que lhe deseja o «Brasil-Portugal» que hoje presta de novo uma homenagem de respeito a S. M., incluindo nas suas paginas os retratos das pessoas da sua comitiva e da triulação do «yacht» e algumas dependências d'este.

O quarto das creanças

Mistress Barnard tomára chá em casa da amiga mistress Robinson. Voltava para casa, de seu vagar, quando reparou n'um grupo de creanças que estava do outro lado da rua.

Um bebé de dois annos e meio, pouco mais ou menos, estava sentado á beira do passeio a chorar. Duas pequeninas e dois rapaziños, dos quaes o mais velho teria os seus dez annos, formavam roda em torno d'elle.

O mais novo abria uns olhos muito grandes, escancarava muito a boca, e olhava para o pequeno choramingas com essa curiosidade silenciosa, intensa e insaciavel que caracteriza as creanças ingeas. O mais velho, palrador, forte com a auctoridade que a sua idade lhe conferia, enchia o bebé de perguntas.

— Como te chamas tu? A tua casa onde é? Que nome tem o teu papá? e a tua mãã? e a tua creada?

O bebé apanhava apenas a ultima palavra de cada phrase, e repetia chorando:

— Quer ir para casa? quer papá? quer criada?

E em seguida o pobre innocente tapava com os punhos cerrados os olhos d'onde corriam torrentes de lagrimas. Depois limpava as mãos sujas ao seu vestidinho branco com uma simplicidade tocante.

Mistress Barnard parára primeiro, depois atravessára a rua e aproximára-se do grupo.

— Esta creança perden-se, supponho eu.

— Sim, minha senhora! respondeu o orador. Ha uma hora que me esfafo a fazer-lhe perguntas, mas elle não quer responder.

— Não pode responder, diga antes. Bem vê que é uma creança muito pequena.

E acrescentou, como se fallasse consigo:

— Mas elle não pode ficar para ahi no meio da rua.

— E se a gente perguntasse ao policia! suggeriu o rapaziño que fallava.

Justamente á esquina estava um policia, impertigado e immovel, com o capacete enterrado até aos olhos, o que o obrigava, para ver alguma coisa, a atirar ridiculamente a cabeça para traz, e a olhar, de alto, para as pessoas.

— Está aqui uma creancinha que se perdeu, disse-lhe mistress Barnard. Faz favor de me dizer qual será o melhor modo de encontrar os paes?

Sem olhar para a senhora, sem voltar a cabeça, depois de longa reflexão, o policia pronunciou o seguinte oraculo:

— O melhor é levar-o á estação de policia.

— Anda, meu pequenino, disse mistress Barnard á creança, vamos procurar a tua mãã.

Poz-se a caminho o cortejo na ordem seguinte: o policia ia adiante, com um passo pesado, sem dobrar os joelhos; seguia-se mistress Barnard levando ao collo, com toda a cautella, o pequerrucho, logo atraz o homemsito de dez annos, que, tendo descoberto o bebé antes dos outros, entendia que tinha sobre elle, senão um direito de presa, pelo menos um dever de vigilancia.

Os outros quatro formavam a rectaguarda de dedo na boca.

Mistress Barnard, deixando a sua comitiva á porta, entrou na estação de policia. Foi admittida, e ponde falar ao sargento.

Este funcionario escutou-a com toda a attenção e com toda a gravidade, sem desanviar a fronte severa que a justiça deve mostrar, ao que parece, tanto áquelles que vão fazer uma boa acção como áquelles que acabam de commetter uma acção má.



Yacht Amelia — A Sala de Sua Magestade a Rainha de Portugal, a Senhora D. Amelia, a bordo



S. M. a Rainha a Senhora D. Amelia

— Uma creança perdida! Muito bem. Não sabe dizer onde mora? Não tem consigo papeis que demonstrem a sua identidade? Nem bilhetes de visita, nem livro de cheques?

— Oh! senhor! ora essa! olhe que é uma creança de dois annos!

— Muito bem! Pode-a deixar aqui. Vai-se-lhe dar já...

O que será que lhe vão dar? pensou mistress Barnard com alicia-dade.

— Vai-se-lhe dar um numero, concluiu o sargento com dignidade. Pode estar descansada. Se os paes ainda existirem, e se a reclamarem dentro de vinte e quatro horas, ser-lhes-ha entregue a creança.

— E enquanto elles não apparecem, disse mistress Barnard, o que se faz á creança?

Olhava em torno de si, e era obrigada a reconhecer que não havia coisa que menos se parecesse com uma *nursery* que uma estação de policia. Era uma casa escura e que cheirava mal — um cheiro de miseria, de bafio, de feto velho e humido, de fritura, e de tabaco. A um canto dois policiaes jogavam a sua partida, e lambiam cuidadosamente os dedos antes de puxarem as cartas. Por traz da porta de uma das cellas ouvia-se um cantarolar rouco: era uma velha bebedeira, que se distraia acabando de coser a bebedeira.

— Oh! meu Deus! meu Deus! dizia consigo mistress Barnard. Pois eu hei-de deixar aqui esta pobre creança?

O sargento promettera numeral-a, isso é verdade, medida administrativa de primeira ordem e verdadeiramente digna de um sargento; mas talvez a caridosa senhora tivesse ficado mais tranquilla, se o sargento houvesse promettido dar-lhe, em vez de um numero, uma sôpa ou leite com assucar.

Áfinal o homem percebeu um pouco d'esse drama intimo de que estava sendo theatro o coração de mistress Barnard.

— Se a senhora se quer encarregar provisoriamente do pequeno, autoriso-a a levá-lo para o seu domicilio. Manda-se lá os paes ou as pessoas por elles enviadas, se aqui se apresentarem. E' longe?

— Fica a dois passos.

— Perfeitamente.

Quando Jessie abriu a porta á sua ama foi logo um diluvio de exclamações: *O Lord! Bless me! Good gracious! Well, I never!* e outras exclamações pelas quaes as creadas exprimem a commoção, o assombro e o enlevo. Essas exclamações redobram quando mistress Barnard contou as particularidades do seu achado.

— E então a senhora encontrou-o assim na rua, sózinho!... E então a senhora sabe de quem elle é! Ai! Deus do céu! sempre é muito bonito! ó minha senhora, e nós que não tinhamos filhos em casa, agora já temos um!

— Pois sim, Jessie, mas olha que nós não podemos ficar com elle.

— Ora essa! e porque? Então a senhora não diz que a policia lh'o deu?



Yacht Amelia — O camarote de El-Rei de Portugal em que viajam actualmente Suas Altezas o Principe Real e o Senhor Infante D. Manuel

— Enquanto se não encontram os paes. Haviamos de ficar com a creança?! O que diria o sr. Barnard?

— Ora! o senhor ralhava um pedaço e depois...

— Em vez de estarmos a dar á lingua, Jessie, tratemos d'esta creança. Onde a alojaremos?

— Na saleta. Está o fogão aceso.

A saleta era um aposento pequeno, aconchegado e alegre, onde estavam habitualmente os Barnard para não estragarem a sala. De inverno ali jantavam, de tarde mistress Barnard ia para lá trabalhar com a Nancy, a costureira aos dias, que cosia as camisas do sr. Barnard. Era um aposento aconchegado, bem quente, bem silencioso, á noite sobretudo, quando o gaz estava aceso, os postigos fechados, e as cortinas corridas. Só ali se ouvia um longínquo rodar de comboios e uns longos silvos que rasgavam o silencio da noite.

Nesses momentos a saleta, onde o sr. Barnard fumava o seu cachimbo, enquanto mistress Barnard lia os artigos de modas e as noticias de crimes nos jornaes, dava uma idéa da sua boa e modesta existencia, suave e socegada.

Foi alli que puzeram no tapete aquelle entesinho meio adormecido. Com o poder Jessie despertou o lume do fogão, e fez labaredas, como linguas ardentes, claras e rumorosas por entre os carvões. Immediatamente a creança se calou, acalmada de subito, e poz-se a olhar para o fogão com ar pensativo. Talvez uma vaga associação de idéas lhe fizera pensar que tinha voltado para sua casa. Porque a sua vida devia correr de certo n'uma saleta pouco mais ou menos como aquella.

Parece mesmo que conhece a casa! disse Jessie.

— Elle ha-de ter vontade de comer. Que se lhe ha-de dar? O que é que se dá ás creanças d'essa idade, Jessie?

— Ai! minha senhora, lá na minha terra o que se lhes dá é assordinha, mas talvez as creanças de Londres não gostem.

— Vai depressa a casa de mistress Dixon, e pergunta-lhe. Ella ha-de saber! tem seis raparigas e quatro rapazes. Eu vou lá acima ao quarto das creanças buscar bonitos.

— Então a senhora deixa-o sózinho?

— E' um instante.

— O' senhora, e se o gato lhe tira os olhos?

— Fecha o gato na cosinha.

— E se elle cae no fogão?

— Tudo se remedia.

Ajudada por Jessie, mistress Barnard formou com umas cadeiras, sabiamente mettidas umas nas outras, com umas poltronas, uns tamborettes e umas almofadas uma formidável barriada, que impossibilitaria o accesso ao fogão do mais resolute dos bebés. E, feito isto, cada uma d'ellas correu precipitadamente ao seu destino.

O quarto das creanças ficava no andar mais alto da casa. Era grande, bonito, com muita luz, bem ventilado, forrado de um papel com ramalhetes de rosas. Só o que faltava eram creanças. Ficam, pois, sabendo qual era o grande desgosto de mistress Barnard, a decepção da sua vida. Nunca fôra mãe. Contudo quem a ouvisse não imaginaria semelhante coisa.

Ella dizia sempre, para indicar uma época qualquer, «Foi quando eu andava grávida do meu segundo filho», ou então, «Pouco antes de vir o meu terceiro filho». Involuntariamente os seus interlocutores procuravam em torno d'ella essa familia em que ella fallava sem cessar, e não a encontravam.

E' que a gravidez de mistress Barnard nunca chegara ao bom successo. Os vizinhos chegavam até a dizer que a gravidez fôra sempre imaginaria. O que é certo é que nunca um só corpinho vivo repousara no berço de rede, debaixo da coberta de setim azul, á sombra dos cortinados de musselina.

Todavia, mistress Barnard e o seu marido continuavam a falar nos filhos, e se estes nenhum lugar occupavam na casa, occupavam-n'o e grande nos seus pensamentos. Um já teria tal idade, o outro seria já um homenzinho. Nos limbo onde tinham ficado aquellas mysteriosas creaturinhas tinham para os seus suppostos paes nome e vida. Certos anniversarios, que lembravam não se sabe o que, nunca passavam indifferentes.



Rij 87. 31

S. A. o Senhor Infante D. Manuel



Rij 87. 32

S. A. Real o Principe herdeiro de Portugal D. Luis Filippe

Até que ponto partilhava o sr. Barnard das illusões de sua mulher? Ninguém o podia dizer. Os homens, como é bem sabido, são entes fortes. Os seus cerebros pesam mais que os das mulheres. Os seus musculos são mais solidos. As suas faculdades racionais são mais desenvolvidas. Por isso é que o sr. Barnard pregava sempre grandes rabeçadas em sua mulher, por causa d'estes devaneios. Quando mistress Barnard dizia com um suspiro: «Aquelle rapaz com quem jantámos em casa dos Gifford, seria um noivo excellente para minha filha» dizia-lhe elle logo, encolhendo os hombros, e sem desviar os olhos do seu jornal. «A sua filha! Qual filha? Não diga tolices. Nunca teve filhas.» E, um momento depois, exclamava: «Quando me lembro que o meu rapaz teria hoje os seus 17 annos!»

No quarto das creanças havia dois armarios: um estava cheio de roupas brancas para creanças, de toucas para todas as idades e tão embebido em pimenta e em camphora que se lhe sentia o cheiro fortissimo apenas se entrava no quarto; o outro armario estava cheio de bonitos para as primeiras idades: palhaços, assobios, cornetas, chicotes, espingardas, moirões, baldes de lata, cavalos de pau e outras enghenocas da mesma especie com que o sr. Barnard trazia as algarbeiras atilhadas quando vinha do escriptorio, nas epochas famosas da gravidez. Dizia sempre que fora uma occasião excepcional, e que lhe tinham saído baratissimos, ou então al-

noite, e que podia morrer talvez esmagado por alguma carruagem, ou regelado pelo frio. Se a tivesse encontrado, meu amigo, teria feito o mesmo que eu.

O sr. Barnard protestou com ar de escarneo.

— Então, Carlos, não te faças peor do que és.

O pequenino fôra de rastos ter com o sr. Barnard.

— Papá! gritou elle agarrando-se ás calças do gentleman.

— Ah! ah! segundo vejo, parece-me com o teu pae, anh? Terás tu ao menos as mãos limpas, grande vadio?

— Não fales com tanta dureza a esse querido amor, Carlos. Anda cá, meu anjinho.

Mas o «anjinho» agarrava-se cada vez mais ás calças do sr. Barnard, com toda a energia dos seus dois annos.

— Deixe o fedelho fazer a sua vontade! disse o sr. Barnard secretamente lisonjeado com a preferencia de que era objecto. Mas faça favor de me dizer, minha querida, o que tencionas fazer amanhã e nos dias seguintes, se não vierem reclamar este pequinão?

— Não de reclamar-o.

— Mas, se o não reclamarem?

Mistress Barnard calou-se. Jessie, que acabava de entrar com um prato de assorda na mão, julgou a proposito intervir:

— O que ha de fazer? Olhe! a senhora com toda a certeza que não atira com elle ao meio da rua, bradon ella deitando a seu amo um olhar indignado.



A officialidade do yacht *Amelia*

Capitães tenentes

João Vellez Caldeira

Morreira de Sá

Antonio Pinto Bastos

Immediato

D. Fernando de Serpa

Capitão de fragata, commandante do yacht

legava que os comprára na rua a um pobre diabo que morria de fome. Não suppozesssem agora que elle era algum pae indulgente e fraco! Pelo contrario. Educava severamente os seus filhos, tinha a esse respeito o seu systema e as suas idéas. Mas enfim a infancia precisa de se entreter. Os *bébé*s afinal de contas são *bébé*s, não é assim? E ali está porque ali se viam esses innumeraveis bonitos, completamente novos, apesar de terem uma forma antiquada e de serem quasi documentos historicos. Tinham-nos conservado, primeiro porque continuavam a ter esperanças, depois porque nem queriam dal-os nem destruí-los.

Muitas vezes mistress Barnard subia ao quarto das crianças; succedia demoradamente, piedosamente, o pó de todos esses objectos, encravava-os com ternura, e ás vezes deixava cair uma lagrima sobre o rosto envernizado, ou sobre a barretina de artilheiro que tinha na mão. N'essa sala andava sempre no bico dos pés, sentia ali como que uma doçura doce e melancolica, semelhante áquella que nos invade nas pequenas capellas dos cemiterios. Sentia esvoçar por ali almas de cherubins, cujas azas brancas lhe affagavam, ao passar, o rosto brandamente. Respirava ali o perfume da sua maternidade sonhada e mallograda, e um cheiro de pimenta que a fazia espirrar. *Dominus tecum!* querida mistress Barnard! sim *Dominus tecum*, Deus seja contigo; alma santa!

Quando desceu com as mãos cheias de bonitos, quem encontrou ella na saleta? O sr. Barnard em pessoa. De braços cruzados, com um sorriso sarcástico, olhava para a creança e para a ridicula barriçada que defendia as cercanias do fogão.

— O que vem a ser isto? disse elle designando o novo *bébé*, que novo capricho é este? Abriu uma *crèche* em minha casa?

Mistress Barnard respondeu corajosamente:

— Não abri uma *crèche*, não, mas recolhi em casa por algumas horas uma pobre creatura, que os paes esqueceram ou perderam durante a

— Bonito! já cá faltava a outra maluca! exclamou desdenhosamente o sr. Barnard.

Então, segundo vejo, é um filho que nós vamos adoptar? Era melhor dizer o logo! N'esse caso ao menos lavem-lhe as mãos.

E como Jessie trouxe logo uma bacia com agua tepida e uma esponja e começou a lavar o pequinão:

— Você não se entende com isso! remungou o sr. Barnard.

Poz-se de cocoras, agarrou nas mãosinhas d'esse pequerrucho, que lhe mostrava uma benevolencia visível.

— Um filho adoptivo! continuou elle sem deixar de fazer espumar o sabonete. Sabe-se lá nunca o que elle poderá vir a ser! que mysteriosa herança de crimes e de vicios tem elle talvez inoculada nas veias.

— Oh! disse Jessie, este não tem vicios nenhuns; por essa fico eu.

— Não diga tolices! Todos os criminosos que se enforcam em Newgate, principiam por ser uns *bébé*s que faziam bochechinha ás suas mãas, que lhes devoravam com beijos os pésinhos descalços. Eu bem sei o que digo. Ainda hontem eu li n'um jornal, que consagra quotidianamente um paragrapho aos crimes dos Francezes... Esteja quieto com essas mãos, seu caturra, olhe que em zango-me... Li eu, pois, n'esse jornal que uma creança assim recolhida e educada por caridade assassina a sua mãe adoptiva.

— Mas isso era um Francez! gritou Jessie.

Enquanto o sr. Barnard lavava as mãos do pequinão, mistress Barnard sentada do outro lado n'um tamborete muito baixo armara-se com uma colher cheia de assorda. Metten-a na boca que o pequinão escanca-

rava, e arredondava, pouco mais ou menos como faz o sr. Jourdain na Comedia Franceza quando ensina Nicola a pronunciar o letra O. Jessie, vendo que n'essa occasião não tinha outro papel a desempenhar, agarrára n'uma corneta, inchando as bochechas e tirava do instrumento uns sons agudos. O bôê soltava gargalhadas victoriosas, fazia saltar a espuma do sabonete ao nariz do sr. Barnard, e entornava a assorda por cima das mãos e do vestido de mistress Barnard. Estavam todos n'aquella saleta no auge da alegria, quando souu um toque violento de campainha. Jessie, de corneta na mão, foi abrir, e d'ahi a dois ou tres segundos, uma rapariga muito alta com uma cara espantada e um corpo desmanchado, entrou ou antes desabou na saleta. A sua touca de creada caíra-lhe juntamente com a coza desalada para as costas. Estava toda vermelha e a deitar os bôfes pela boca fóra. Esse cansaço, a commoção, um gaguejar natural complicado com um defluxo chronico, tornou as suas palavras quasi intelligíveis para o senhor e para a sr. Barnard. Atirou-se com impetuosidade á creança, e, rindo, bufando, dirigiu-lhe uma fala entre-cortada:

— Ai! Tommy! seu mau! fogir assim! a senhora tão inquieta!...

Tomou-o triumphalmente ao collo. Tommy, separado a um tempo da assorda e da corneta, soltava gritos de desesperação, mas, sem se importar com os seus gritos e com um indistincto: «Boas noites, senhor!» — «Adens, minha senhora!», a creada de Tommy desapareceu tão depressa como viera.

Ouviu-se a bulha dos seus sapatos grossos nos degraus da escada, depois nas pedras do passeio, misturada com os berros do pequeno; mas ella corria tanto que o som dos gritos e dos passos não tardou a sumir-se ao longe... ao longe!

— Esta rapariga é um temporal! disse o sr. Barnard.

— E' uma selvagem! confirmou o sr. Barnard, uma verdadeira bruta!

E, vendo que Jessie ficava immovel, como que assombrada por um raio, accecentou:

— Feche a porta da rua! Vem de lá uma corrente de ar terrivel.

Os dois esposos ficaram de novo sós na silenciosa saleta. Sós como estavam antes, sós como sempre, e contudo mais sós ainda do que nunca. Pois o quarto estava como de costume, aconchegado e quente, o lume do fogão alegre e claro, macios e commodos os sophas e as poltronas. Mas uma criança rira, chorára, e gorgeliára n'aquelle quarto: o sonho da vida d'elles tomára como que uma figura e uma realidade palpavel; estivera um momento em pé diante d'elles, e depois desvanecera-se de novo, deixando uma d'essas saudades vagas, que ás vezes duram ainda mais que as grandes e pungentes decepções da vida. E foi por isso que os dois ficaram silenciosos e pensativos até á hora da ceia.

ALBERTO FILLOU.

Disseste-me adeus, cantando;
Falou verdade o cantar:
Quanta vez a gente canta
Com vontade de chorar!

Os teus olhos que ou adoro
Têm como desafio,
Pois só choram quando eu choro,
E só riem quando eu rio!

Gemeos

— Desde o dia em que foste concebido,
Que não te desamparo um só momento;
Tu já eras do meu conhecimento
Do ventre-mãe ainda não nascido.

Nunca me viste, e eu sempre te hei seguido;
Nunca me ouviste, e o meu ouvido attento
Nunca deixou de ouvir-te um só alento,
Até quando no leito adormecido.

Como ao peito uma amante estremecida
Se une e aperta do goso no transporte,
Ao teu corpo eu assim ando cingida.

— Quem és tu, quem és tu, e que má sorte
Travou o teu destino á minha vida? —
— Irmão, meu irmão gemeo, eu sou a Morte.

URBANO DE CASTRO.

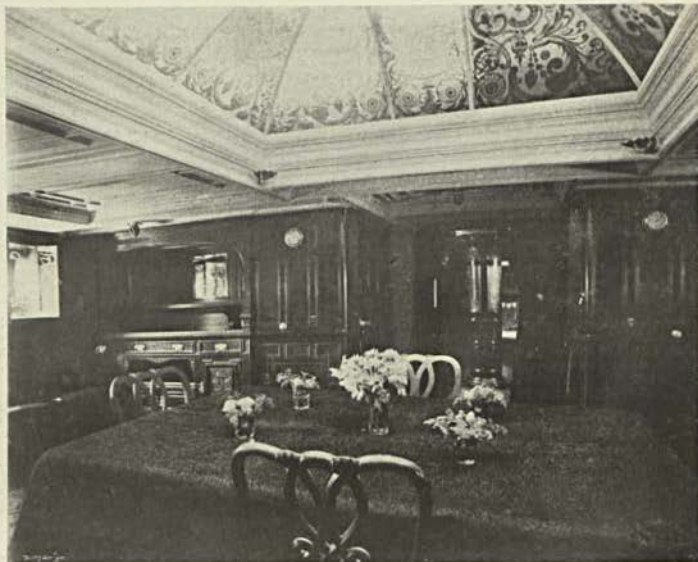
Sob o influxo da negra phantasia
E do ciúme fatal, que me atormenta,
Furioso insulto com paixões violentas
A Musa, que çnas sombras me alumia.

E és tu, n'esta idade sem poesia,
O lyrio em que minh'alma se alimenta
Eu, porém, sou qual fera truculenta,
Que esmaga aos pés a flor que lhe sorria...

Não quero o teu perdão que o não mereço;
Ai! seja o teu desprezo o meu castigo,
E morra d'este mal de que padeço.

Mas que ao menos no funebre jazigo,
Em recompensa do meu fado avesso,
Eu fique em marmore a dormir contigo.

JOÃO PENHA.



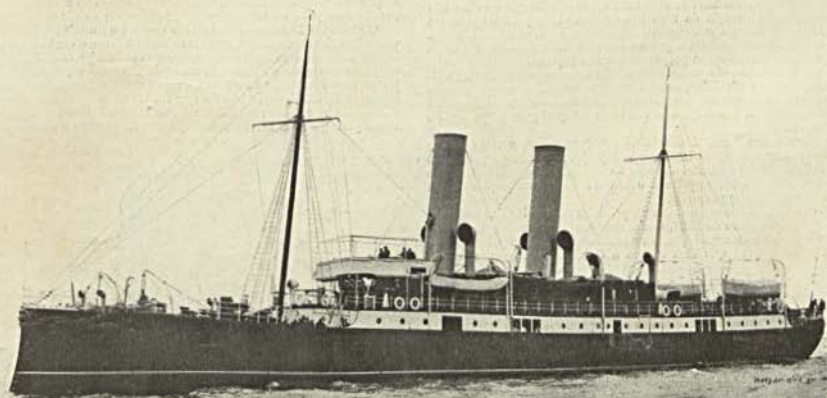
Yacht Amelia — A sala de jantar



Condessa de Figueiró
Dama de S. M. a Rainha de Portugal



Conde de Figueiró
Vedor de S. M. a Rainha de Portugal



Yacht Amelia

Joaquim da Costa Ramalho Ortigão e o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro

A FESTA DE 3 DE DEZEMBRO



Joaquim da Costa Ramalho Ortigão

1º do Rio de Janeiro a 13-4-1899

Em 3 de dezembro ultimo o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro prestou a memoria honrada de um seu glorioso presidente as homenagens que lhe tinham sido votadas por uma assembleia geral de seus associados, inaugurando com a assistência de numerosa e selecta sociedade, no grande salão da sua bibliotheca, o busto em marmore representando a bella e saudosa effigie do consagrado.

Se foi tardio o cumprimento da resolução solemne d'aquella dedicada assembleia, não regateemos encomios á nobre directoria que presidiu á grandiosa commemoração, e que tão brilhantemente soube resgatar do olvido a memoria dos serviços assignalados que esse benemerito cidadão, n'um largo periodo de administração fecunda, dedicou á prosperidade e progresso de tão util e querido instituto.

Mas nem todas as dividas de gratidão e benemerencia estão solvidas. Uma ha, que por ser antiga, já muito distanciada da actual geração, não é menos carecedora de solvencia e liquidação. Acresce que pela sua accumulação de previdencia e confiança no futuro do Gabinete, em que ella verdadeiramente se originou, como que torna mais imperiosa a necessidade de interromper a sua injustificavel prescripção.

Essa divida vem da fundação e estabelecimento do então modestissimo Gabinete Português de Leitura.

Em 1828 emigrava de Portugal para o Brasil por motivos politicos e pelas idéas adelantadas de progresso que abertamente professava, o illustre Jurisconsulto, eloquente patriota e emérito jornalista o dr. José Marcellino da Rocha Cabral, que estabelecendo residencia no Rio de Janeiro, e unindo-se tempo depois nos nossos mais importantes e conceituados patriotas, conseguiu em 1837 fundar esta aggragação que servise não só para afirmar a energia da raça portugueza, como para perpetuar a sua memoria gloriosa, a sua expansão historica, a grandeza e brilho da sua litteratura, como tambem a pureza e vernaculidade da sua lingua, a sua regeneração moral, o seu progresso e a sua riqueza.

Não foi sem esforçado trabalho que elle conseguiu conciliar as opiniões que pareciam divididas, e dar alento aos espiritos suspensos do triumpho das idéas que representava, e que feriam algumas influencias loacas, resistentes a innovações e reformas de qualquer progresso ou adiantamento.

Era, porém, um forte. A sua intelligencia superior, o seu caracter patriótico e diamantino, desinteressado e justo, impunha-se por modo indiscutivel á direcção mental da nossa colonia, que orgulhando-se de tão preclaro conselheiro, respeitava e acatava as determinações do seu esclarecido e nobilissimo espirito.

No relatório que elle apresentou na primeira assembleia dos accionistas, em 10 de setembro de 1837, estão consignadas as mais bellas phrases sobre o espirito de associação, o mais substancioso e empolgante programma dos fins para que fôra creado o Gabinete Portuguez de Leitura.

Diz elle: «E' pois com razão, senhores, que eu me congratulo comovos, n'esta reunião, de termos originado um estabelecimento, cujo fim é a cultura do espirito, e cujos meios consistem n'esse maravilhoso principio, ao qual devem os homens tantos e tão prodigiosos melhoramentos na sua condição e felicidade! Se o estabelecimento for completamente organizado conforme os seus fins, se perseverarmos, como espero, em o promover com o zelo patriótico que tem presidiado aos seus primeiros arranjos, prevejo, não muy distante, as consequências mais extensas e illustres: illuções, nossa, credito para com os estranhos, fraternidade, civilização e outras vantagens sociais serão os primeiros resultados da nossa patriótica empresa; os portuguezes residentes no Rio de Janeiro já não serão considerados como estranhos ás tendencias actuaes dos povos civilizados; os outros estrangeiros tambem residentes n'este imperio reconhecerão que, como elles, seguimos o movimento actual do espirito humano; o povo irmão e generoso, que nos acolhe e nos felicita

os meios de augmentar as suas e as nossas riquezas terá a satisfação de convencer-se de que o grande povo de que descendemos, acompanha a marcha magestosa das nações, que correm primeiras para o mais elevado ponto da civilização; finalmente em Portugal ha de dizer-se com orgulho nacional: os portuguezes residentes no Rio de Janeiro são benemeritos da nação a que pertencem, elles cooperaram efficacemente para a restauração da antiga, da immensa, da incomparavel gloria da sua patria!»

A modestissima aggragação que então era, cresceu, abraçou, prosperou e fez-se o que hoje é: — a mais querida e formosa criação que elle fundou, o monumento mais perduravel da nossa colonia no Brasil, o seu mais nobre e justificado orgulho!

As paginas gloriosas e brilhantes da sua historia valem bem os dissabores e as dolorosas vicissitudes por que passou no longo periodo dos seus 65 annos de existencia.

O Gabinete Portuguez de Leitura que já perpetuou a benemerencia de dois dos seus mais inolvidaveis presidentes, não cessará paír por mais tempo na existencia das suas administrações o labô de ingratitude para com a memoria honrada do seu illustre fundador e primeiro director.

Ninguém n'aquella casa tem mais sagrados direitos a essa consagração. Foi elle, pelo seu espirito culto e adiantado, que lançou as verdadeiras bases da nossa fraternização, do nosso caminho e do nosso amor pelas terras generosas do nosso exilio, por aquella patria tão amada e tão estremeçada aos nossos corações reconhecidos.

Lançando os alicerces do Gabinete, lançou consequentemente as bases das outras associações portuguezas, porque todas ellas surgiram posteriormente aquella gloriosa associação. E o seu exemplo foi tão fructificante, tão nobremente seguido, que ainda depois de meio seculo uma das cousas bellas e primorosas que os portuguezes alli mantêm, e de que se devem enobrecer e orgulhar, é o desenvolvimento associativo que tanto os domina, desde a mais humilde até á mais elevada classe.

Seria interessante dar aqui a designação d'essas innumeráveis associações portuguezas, os patronos a que ellas se socorrem para testemunhar o seu immenso patriotismo, o seu amor ao trabalho, a sua infinita saudade!

D'algumas d'essas designações vos sorriríeis, talvez; mas que simplicidade de costumes, que pureza de sentimentos ellas revelam! Ali vereis consagrados os nomes dos nossos mais gloriosos monarchas; dos nossos mais valentes e famosos guerreiros; dos nossos andares e heroicos marinheiros; dos nossos poetas e litteratos; dos nossos mais illustres historiadores e estadistas; das nossas datas historicas mais em voga, finalmente dos nossos benemeritos mais em evidencia!

Muitas d'essas associações tem as suas pequenas bibliothecas, os seus jornaes, os seus bilhares e outras pequenas distrações; outras são propriamente de musica, de gymnastica, de ensino de socorros mutuos, de beneficencia e caridade. Ha n'essas sociedades de musica excellentes philharmonicas, compostas na sua maior parte de artistas, que empregam as suas horas de lazer n'essa util e honrada distração; arredando-os por esta forma das vendas e tabernas, onde gastariam, bem prejudicialmente, o fructo de suas economias e se exporiam ás brigas tão communs n'essas casas, que seriam a dissolução dos seus bons costumes.

Essas corporações representam uma grande força associativa; e pela sua união, pela sua existencia pacifica e pelos fins a que se propõem, são respeitadas das autoridades, bemvistas do publico e bem necessarias e prestigiosas para os interesses dos nossos compatriotas e do nosso paiz.

O Gabinete Portuguez de Leitura que foi o grande iniciador do involuntavel jubileu camoneano, que tem sabido honrar e enaltecer a memoria honrada do seu incomparavel fundador com immensos actos de civismo, de progresso e de patriotismo, não pôde, nem deve, demorar por mais tempo esta homenagem ao genio d'esse grande e primoroso valto da sua historia: O infatigavel cidadão que foi exemplo de todas virtudes e de verdadeiro altruismo; que deu no seu tempo brilho como ninguém ao nome portuguez no Rio de Janeiro, á sua litteratura e ao seu progresso



Joaquim Cerqueira

morren esquecido, obscuramente, victimado pela febre amarela em 1850, e nem sabemos se o seu cadaver, venerado por tantos titulos, repousa, ao menos, em sepultura condigna...

São assim as cousas da terra!

A actual directoria do Gabinete, tão benemerita e patriótica não dei-

A actual direcção compõe-se dos Srs.:

Conde de Arellar, Presidente.—Alcorno Thedim, Vice-Presidente.—José Vasco Ramalho Ortigão, 1.º Secretario.—José Prestes da Silva, 2.º Secretario.—Ricardo Ramos, Thesoureiro.

A titulo de curiosidade damos a acta da 1.ª sessão do Gabinete de Leitura, conservando-lhe redacção e orthographia:

Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro

Primeira Sessão d'Assembleia
Geral dos Accionistas do
Gabinete Portuguez de Lei-
tura em o dia 14 de Maio
de 1837.

Socios presentes, 43.

Os Accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro reunidos em numero de 43, na residencia do accionista Antonio José Coelho Lousada e estando presente o Encarregado de Negocios da Nação Portuguesa João Baptista Moreira, foi este senhor quem presidiu á Assembleia chamando para 1.º Secretario Francisco Eduardo Alves Vianna, e para 2.º José Antonio de Seixas.

O 1.º Secretario pediu a palavra, para expor o estado da Associação, e sendo-lhe concedida apresentou a Lista Geral dos Accionistas que sobem a 189, tendo subscrito por 404 Acções, e em seguimento offereceu á Assembleia hum Projecto d'Estatutos por elle organisados, e esta offerta foi recebida com especial agrado. O mesmo Accionista fez a seguinte indicação: «Proporho que, na falta de Estatutos, se adopte já o seguinte

artigo do meu Projecto:—O Conselho Administrativo da Sociedade hi nomeado em Assembleia geral e se compõe de 7 membros: 1 Presidente, 1 Vice-Presidente, 1 Secretario, 1 Thesoureiro, e 2 Agentes. Posta em discussão os accionistas Lousada e Luiz José da Silva mandaram á Mesa a seguinte emenda: «Proporho que fique prorrogada a presente Mesa Provisoria até á definitiva approvação dos Estatutos,» e entrando a emenda e a proposta em discussão, o Presidente depois de sufficientemente discutida a materia, pôz a votos as seguintes questões — «He de approvação d'Assembleia que fique prorrogada a actual Mesa Provisoria?» e a Assembleia geral decidiu que não; interrogou o Presidente mais — «Deve proceder-se á nomeação de hum nova Mesa composta de igual numero de membros?» e a Assembleia decidiu que sim: em virtude desta deliberação o Presidente fez proceder á eleição, e a maioria de suffragios recahiu sobre Presidente no D.º José Marcelino da Rocha Cabral, 1.º Secretario Francisco Eduardo Alves Vianna, 2.º Secretario José Maria do Amaral Perceira, os quaes tomaram os respectivos lugares: O Accionista Francisco Xavier Alvares propoz que se nomeasse hum commissão de 3 membros além do accionista auctor do Projecto de Estatutos para os receberem e organisarem, e posto a votos foi approvado e procedendo-se á eleição reuniu o maior numero de votos, o D.º Cabral, Dr. João Joaquim Pestana, o Dr. Almeida e Silva e Francisco Eduardo Alves Vianna auctor do Projecto: o accionista Francisco Xavier Alvares propoz se agradecesse ao Sr. D.º Antonio José Coelho Lousada a urbanidade com que se tinha dignado tractar attodos os Accionistas presentes frangueando-lhe a sua casa: O Presidente como interprete dos sentimentos d'Assembleia, significou aquelle Sr. que os Portuguezes ali reunidos se achado penhorados pela civil e hospitalidade receptiva que lhes havia feito o ill.º Sr. D.º Antonio José Coelho Lousada. Não havendo mais cousa alguma a tratar, o Presidente encorrou a sessão a 1 1/4 horas da tarde. Salla

Dr. Cunha e Costa



Salla da Bibliotheca do Gabinete Portuguez de Leitura, (Rio de Janeiro) á esquerda o busto de Eduardo de Lemos; á direita o de Ramalho Ortigão

xará que este por assim dizer imperioso legado passe ainda em herança jacente a outra ou a outras gerações, que nos tenham de julgar e condemnar severamente!

JOAQUIM CERQUEIRA.

Origem do Gabinete de Leitura,

O Gabinete Portuguez de Leitura foi fundado em 1837 na rua da Quitanda. Do relatório apresentado em 10 de Setembro do mesmo anno na 1.ª sessão celebrada no local do estabelecimento pelo director José Marcelino da Rocha Cabral, consta ter sido estabelecida a Associação com cento e noventa e sete socios instituidores; associaram-se mais tarde noventa e nove accionistas e um socio correspondente. As acções cuja 1.ª prestação já estava realisada eram 456 na importancia de réis 9:120:000, sendo o producto da 1.ª prestação 4:560:000 réis.

Em 10 de Junho de 1880 foi assentada a primeira pedra do novo edificio, comemorando o 3.º Centenario de Camões. Eram Directores:

Eduardo de Lemos, Presidente.—José Joaquim Godinho, Vice-Presidente. J. C. Ramalho Ortigão, 1.º Secretario.—Joaquim José Cerqueira, 2.º Secretario.—Albino de Freitas Castro, Thesoureiro.

D'estes directores o unico vivo ainda é o Sr. Conselheiro Joaquim José de Cerqueira, que reside actualmente em Portugal, e cujo nome firma o artigo que expressa e gentilmente escreveu para o Brasil-Portugal, a pedra fundamental do novo edificio foi collocada por S. M. D. Pedro II, Imperador do Brasil. A trolha de prata, que serviu na cerimonia, acha-se religiosamente conservada no Gabinete.

O novo edificio inaugurou-se em 10 de Setembro de 1887, 50.º anniversario da fundação do Gabinete, em sessão solemne, á qual esteve presente a princeza regente D. Isabel. O Imperador achava-se então na Europa e, tendo chegado pouco depois ao Brasil, houve uma nova cerimonia de segunda inauguração com o titulo de «Official: em 22 de Dezembro de 1888. Assistiram a esta festa Sua Magestades Imperiaes e Sua Alteza o Principe D. Pedro.

N'esta occasião pronunciou Ramalho Ortigão, que estava já muito doente, o seu ultimo discurso, como presidente da associação, que era juntamente com Manoel José da Fonseca, Vice-Presidente, Joaquim José de Cerqueira, Secretario e Albino de Freitas Castro, Thesoureiro.

da Sessão d'Assembleia Geral dos Accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, em 14 de Maio de 1887. Assignado José Marcelino da Rocha Cabral. — Presidente. — Francisco Eduardo Alves Vianna — Secretario — Está conforme. Henrique do Carmo Edolo.

Secretaria

A sessão commemorativa

A 2 de dezembro pagou o Gabinete Portuguez de Leitura a sua dívida para com Ramalho Ortigão, prestando-lhe n'uma imponentissima commemoção a homenagem a que elle tinha direito. A essa sessão, em que se inaugurou o busto que adiante damos, obra de Costa Motta, assistiram o ministro portuguez, pessoal da legação, commandante do cruzador *D. Carlos*, então nas aguas brasileiras, representantes de todas as sociedades de beneficencia portuguezas e muitas outras pessoas.

O vasto salão da bibliotheca estava deslumbrante; illuminavam-n'o mais de 200 luzes e 5 grandes lampadas electricas. Na galeria tremulavam os estandartes de nossas sociedades e a primeira era occupada pelas senhoras que com a sua formosura e as suas toilettes mais fizeram realçar esta festa, abrilhantada por uma bella orchestra de professores sob a direcção de Arthur Napoleão. Em outro salão tocou a charanga dos marinheiros portuguezes. Presidiu o sr. conselheiro Camello Lampreia, e entre a selecta concorrência viam-se a viuva e duas das filhas de Ramalho, cujo elogio que é uma peça eloquentissima de oratoria, foi lido pelo sr. dr. Cunha e Costa. D'esse discurso reproduzimos este excerpto:

«Meus senhores e senhoras: o Gabinete Portuguez de Leitura representa para a colonia portugueza no Brasil o mesmo que para Portugal os Jeronymos, a Batalha, Santa Cruz, de Coimbra, e o Mosteiro de Christo, em Thomar.

E, por assim dizer, a synthese da alma do passado portuguez: nas suas arcaicas, nas suas voltas, nos seus flôrões palpita toda a idade media lusitana, toda a nossa copêa de navegadores, descobridores e batalhadores.

Olhar para este templo, equivale, senhores, a reconstituir uma historia inteira: cada uma das suas pedras, cada um dos seus lavores é um versículo a lembrar e impôr aos vindouros a continuidade historica.

O passado portuguez no Brasil está synthetizado n'este gabinete. Tudo aqui é grande e maior ainda seria se uma dynastia de privilegiados em constancia e patriotismo houvesse reinado sempre nesta colonia numerosa e abastada.

E, por isso, senhores, que tenho por esta casa um profundo respeito; e por isso lameto que, em vez da minha, não seja ouvida hoje a voz de um homem que já acordou os ecos d'esta casa com a oração mais eloquente que n'esta casa tem sido proferida.

Refiro-me, senhores, ao dr. Joaquim Nabuco, e tão bella, tão profunda, tão digna de minha terra achei essa oração, que quasi me esqueci que tinha de falar, para apenas lembrar-me do que n'ella tinha que aprender.

Foi elle o ultimo grande orador em festa pontifical do Gabinete e cada um dos seus periodos, cinzelado em marmore, daria um bloco massiço para um novo lanço d'este edificio. *(Muito bem.)*

Senhores: assim como na critica benevola se comprehende sempre a verdadeira intenção do critico, assim na phrase, mais ou menos bem composta, se sente sempre a alma de quem a profero ou escreve.

Não: n'aquelle momento, o dr. Joaquim Nabuco, sem deixar de ser brasileiro foi profundamente portuguez; foi o representante do verdadeiro espirito que sempre deveria dominar no Brasil: aproveitar a historia portugueza esquecendo ella fosse commum, e d'ali por diante ligar, pelas membranas do coração, a historia colonial á historia da independencia d'este povo. E assim ficariam profundamente fundidas as duas historias. Que houvesse no coração mais uma aurícula, mais um ventriculo! Que importa! Ha complicações physiologicas mais graves e nem por isso o doente passa peor.

Mas o dr. Joaquim Nabuco, senhores, já recebeu na minha Patria, no velho Portugal, a maior das consagrações que um brasileiro podia alli receber. Já a Camara dos Deputados Portugueza, em sessão solemne, pela voz do mais inspirado dos oradores meus compatriotas prestou a profunda homenagem de seu acatamento e respeito ao orador, ao publicista, ao abolicionista, ao polemista, ao jornalista.

O dr. Joaquim Nabuco já foi na minha Patria, elle, brasileiro, Deputado da Nação Portugueza.

E digam senhores o que disserem dos parlamentos; com todos os seus defeitos elles são ainda os unicos lugares onde de mais alto se pôde fazer ouvir a voz de um espirito levantado e patriótico.

Senhores, quem fez este Gabinete Portuguez? *(Pausa.)*

Este Gabinete Portuguez de Leitura é curioso que tenha sido fundado e mais tenha prosperado e mais se desenvolvido em uma época em que nem Portugal occupava na historia o papel brilhante e resurgidor que hoje está occupando, nem a colonia era tão numerosa e tão farta de elementos que pudessem cooperar para o seu engrandecimento. Mas entre 1870 e 1880, surgiu n'esta terra uma pleiade de commentadores de commoção, e, como vides, consolidado, a que, a haver-se perpetuado, produziria esta cousa ideal: uma colonia profundamente trabalhadora e rica, irmanando no seu affecto, sciencias e artes, calculos e cifras.

Dois homens, dois portuguezes illustres, Eduardo de Lemos e o commandador Ramalho Ortigão, tiveram a força bastante, o prestigio sufficiente e o alento necessario para tomar sobre os seus hombros este monumental construto, e, como vides, consolidado, a que, a haver-se perpetuado, produziria esta

Parece-me que esses dois homens eram duas almas irmãs, que um acaso de nascimento collocou em dois corpos distinctos.

Eram, por assim dizer, siamezes na palpação patriótica.

A alma d'esse patriota notavel que hoje commemoramos, palpitava, fremia, chorava, ria com a gloria de seu paiz, e logo identico phenomeno se operava na alma de Eduardo de Lemos.

Estas duas creaturas eram duas forças invenciveis convergindo sempre para o progresso, para o engrandecimento do seu torrão natal, em terra estranha.

Sem esquecer naturalmente os seus deveres de familia, sem esquecer todos os deveres que a existencia do homem em sociedade implica, esses homens viviam, por assim dizer, a vida ideal de sua patria.

Um Anjo da Guarda, a Patria, os protegia sempre, quer contra os perigos das vaidades pessoais, quer contra os naturaes conflictos de interesses.

Acordavam sonhando na Patria; trabalhavam pensando na Patria e adormeciam no regaço da Patria, apesar de separados d'ella por muitas leguas de distancia. *(Muito bem.)*

Não creio, senhores, que elles conhecessem as orações de liturgia; essas orações que os homens na infancia aprendem e que quasi sempre esquecem mais tarde. Mas Deus não deu formulas á oração e a nossa linguagem é tão formosa, principalmente quando choramos, imploramos ou exaltamos, que decerto o Altissimo ouvia os seus benemeritos quando pela noite alva e calma oravam pela alma da Patria. *(Muito bem.)*

Eram assim essas duas creaturas! Morreram cedo; não podiam morrer tarde.

Elles representavam dois vigorosos castanheiros da minha terra, pertenciam a uma geração em que o vigor physico egualava o vigor mental, essas gerações de equilibrados que Deus dá aos povos para acudirem nas horas angustiosas e difficeis de sua vida historica! *(Muito bem.)*

Dois castanheiros fortes, mas que tinham sempre aberta sobre si uma larga janella por onde os vendavaes do passado entravam em tremendas rajadas! E todos vós sabeis, senhores, que a historia portugueza, se teve horas de calma e de quietude, tambem as teve de tormentas, em que domámos os elementos e devassámos o tenebroso.

Ora todo o passado portuguez entrava por essa unica janella aberta, e o castanheiro acoutado, fustigado, constantemente castigado por elle, rajada furiosa, ardia de golpe, e de depressa na vasta lareira só d'elle restavam cinzas.

Ramalhão Ortigão morreu assim aos 47 annos de idade, quasi uma criança, quando se é portuguez, e aos 80 annos se veem ainda os homens fortes dispostos á lucta, capazes de tomar sobre seus hombros os maioresprehendimentos.

Dem aproveitada foi, porém, essa curta vida, pois, desde os 21, elle conseguiu converte-la em volta de si todos os elementos de cuja cooperação podia resultar o prestigio lusitano em terra brasileira.



Busto em marmore de Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, feito por Costa Mattos



Túmulo de Joaquim Ramalho Ortigão no cemitério de S. Francisco Xavier (Rio de Janeiro)

Ramalhão Ortigão, senhores, teve o raro condão de congregar em volta de si, ao lado do elemento ultra-conservador da colónia, os espiritos juvenis, os impetuosos, os revolucionários e os audeazes.

E' que de Ramalhão Ortigão parecia desprender-se um effluvio de affectividade.

Eu conheço alguns desses homens cuja belleza moral é empolgante e irresistível, mesmo quando os traços physicaes são energicos ou duros.

E essa tambem o privilegio das mulheres feias. (Riso.)
Quantas vezes qualquer de nós, olhando para uma mulher que não tem a belleza classica se sente, no entanto, attrahido por ella, profundamente apaixonado, experimentando um prazer extraordinario, um immenso aconchego, um carinho illimitado dentro da photosphera affectiva que d'ella se desprende!

Succede tantas vezes, isto commigo! Tenho gostado de tantas mulheres feias! (Riso.)

E sabeis por que? E' porque a imperfeição do rosto tem a colorir a essa outra belleza ideal, a belleza do talento, a belleza do espirito, a belleza da graça, que tudo encanta a tudo reduz á sua imperiosa supremacia fazendo-nos gravitar dentro da sua orbita vasta e luminosa. (Muito bem. Muito bem.)

Com Ramalhão Ortigão, senhores, eu creio que deveria ter-se dado cousa semelhante; e digo isto porque é muito difficil encontrar-se hoje, em qualquer colónia, um homem que possua tamanho poder de affectividade.

Os homens graves desdenham naturalmente d'esses a que um grande orador chamava os pinta-silgos nozes. (Riso.)

Por sua vez os rapazes de hoje, com o sangue na guelra, mais entusiastas que reflectidos, ficam desesperados quando não podem, em dado momento, regenerar o mundo, salvar a patria, construir uma esquadra de 5000 navios em 24 horas e mandal-a de novo para a conquista de Marte ou de Saturno, porque infelizmente n'este planeta tudo descobrimos e tudo offermos depois ao resto da humanidade. (Riso; muito bem.)

Ramalhão Ortigão, senhores, viveu em uma época em que os costumes do commercio portuguez eram muito menos liberais, muito menos affectivos, muito menos lhanos que hoje; e este homem, quasi uma criança, que floresceu, em periodo em que era delicto capital ter ideas novas em questões economicas, ousou expô-las, defendel-as e propagal-as, renindo em torno de si velhos e novos, girondinos e jacobinos.

D'esse esforço nasceu esta casa, que representa um trabalho colossal; porque não se tratava de uma grande casa de commercio, de um grande centro mercantil, de uma grande industria, mas de evasias as algibeiras por uma idea, esse quid que abraza mundos, que faz e desfaz imperios, mas que o peso não pesa, o metro não mede e o reagente não verifica; que não pôde ser amolecido nem escripturizado em lucros e perdas. (Muito bem.)

O Gabinete Portuguez de Leitura, senhores, não rende nada, não é convertivel em moeda, não é descontavel na praça, não tem cotação nos bancos; o Gabinete Portuguez de Leitura, senhores, representa uma rajada de infinito, a Biblia do passado portuguez no Brasil escripta em versiculos de marmore e perpetuando-lhe eternamente as glorias.

Ramalhão Ortigão amava a sua terra pela unica forma por que a nossa terra pôde ser amada.

Elle amava a sua Patria como um monge militante — deixae passar a expressão. Não entrava aqui exclusivamente para rezar; entrava para render culto ao passado e pedir a esse passado novas forças para as luctas do futuro.

Paizes e povos não se compadecem com os excessos da vida contemplativa, em cellas, eremiticos ou cenobios.

Quando mais pesada é a herança, mais coragem é precisa para arcar com o peso das suas responsabilidades.

Invocar a cada momento uma historia sobre-humana para ficar torpemente ajoelhado a chorar ao lado das glorias, dos monumentos e dos montantes, é uma missão indigna de povos que ainda tem sangue nas veias e um pouco da alma épica no coração. (Muito bem.)

Não será com a batalha de Aljubarrota que haremos de amanhã alcançar novas batalhas: não será contemplando platonicamente o montante de Nun'Alvares que conquistaremos novas glorias.

DR. CUNHA E COSTA,

Vivas aclamações saudavam de quando em quando o distincto orador que é um dos portuguezes mais illustres que agora reside no Brasil. Filho do Dr. Elmano da Cunha, advogado muito conhecido em Lisboa, foi para a America do Sul ha uns oito annos e ali repetiu — caso unico — em S. Paulo, todo o curso de direito que com tanta distincção havia feito em Coimbra. Hoje é redactor do *Jornal do Brasil* e tem em scena no *Theatro Recreio Dramatico*, do Rio de Janeiro, uma peça genuinamente portugueza *Lobos na Milhuda*, muito elogiada pela critica. E' um orador fluentissimo e feliz, de uma eloquencia pouco vulgar.

Esse discurso agradeceu Antonio Ramalhão Ortigão, filho de Joaquim Ramalhão, em breves mas sentidissimas palavras.

Joaquim da Costa Ramalhão Ortigão

Nasceu no Porto a 16 de fevereiro de 1843 e aos treze annos partiu para o Brasil á procura de recursos, n'uma lucta constante de trabalho, da qual sahio victorioso. Aos vinte e poucos annos estava associado em uma das mais importantes casas de commissões de café, no Rio. O paeha-via fallecido e Ramalhão veio a Portugal ver sua mãe. Rapida e prospera

foi depois a sua carreira. Aos trinta annos o seu espirito achava-se já amadurecido pela lucta e pelo estudo. Começou então a sua vida publica, anteriormente esboçada apenas na assidua intervenção nos debates das sociedades instructivas e litterarias a que pertencia e no applaudido discurso com que fez a sua estreia na Maçonaria a que se tinha associado e da qual mais tarde se foi afastando pouco a pouco.

Eleito em 1873 ou 74 presidente da Caixa de Socorros D. Pedro V, assignou a sua administração por serviços que foram logo reconhecidos pelo Governo Imperial, que lhe concedeu o grau de Official da Imperial Ordem da Rosa.

Espirito esclarecido e adiantado, interveiu, no seu desejo de reformar e combater as velhas e atarrazadas praxes rotineiras que eram o apañagio do commercio de então, em todas as assembleias de bancos e companhias de que foi accionista e da Associação Commercial, de que foi membro prestante.

Nesta ultima teve um dos seus mais bellos triumphos vendo adoptar quasi integralmente o seu projecto de reforma de estatutos que, havia poucos annos antes, tinha sido combatido e rejeitado pela rotina dos seus consocios.

Fundou depois o *Centro de Lavoura e Commercio e Gabinete Portuguez de Leitura*, cuja administração ficou assignalada com a commemoção do tricentenario de Camões em 1880; e a construção do grandioso e bello edificio de estilo manuelino que actualmente é a sede da associação e cuja primeira pedra foi na mesma data collocada pelo imperador do Brasil o Senhor D. Pedro II.

Teve Ramalhão Ortigão ainda a grande satisfação de ver concluido esse edificio, a cuja inauguração presidiu em 1888, sobrevivendo poucos mezes. A 12 de abril de 1889 fallecia, deixando o seu nome por todos estimado e respeitado.

O Jazigo

O tumulo em que repousam os restos mortaes de Joaquim da Costa Ramalhão Ortigão, no cemiterio de S. Francisco Xavier, no Rio de Janeiro, é um bello monumento de marmore branco, estilo manuelino.

A fachada principal tem esculpidas as insignias de todas as ordens honorificas com que o finado foi agraciado, abaixo das quaes lê-se o seguinte epitaphio:

AQUI JAZ

JOAQUIM DA COSTA RAMALHÃO ORTIGÃO

GRAN-CRUZ E COMENDADOR DA REAL ORDEM DE NOSSA SENHORA

DA CONCEIÇÃO DE VILLA VIÇOSA;

COMENDADOR E OFFICIAL DA IMPERIAL ORDEM DA ROSA;

CAVALLEIRO DE CRISTO;

GRANDE OFFICIAL DE SANTO ESTANISLAU, DA RUSSIA — COM PLACA —;

COMENDADOR DA REAL ORDEM DE LEOPOLDO DA BELGICA;

NEGOCIANTE MATRICULADO

PELO EXTINGTINO TRIBUNAL DO COMMERCIO, ETC. ETC.

NASCEU EM 16 DE FEVEREIRO DE 1843

FALLECEU EM 12 DE ABRIL DE 1889

Abaixo d'esse epitaphio, em painel separado, vêem-se os emblemas do Commercio.

Aos lados do monumento estão as estatuas da Sciencia e da Industria, em tamanho natural.

No painel que se acha atraz da primeira lê-se:

PEQUENAS ALEGRIAS QUE PASSAM; — GRANDES DESGOSTOS QUE FICAM

No que encima a segunda:

TRIBUTO DE IMMORREDOURA SAUDE E INEXCEDIVEL GRATIDÃO
DE SUA FAMILIA

Na face posterior (que a photographia não reproduz) vê-se um livro aberto, em cujas paginas lê-se: — Gabinete Portuguez de Leitura, em uma; — Centro da Lavoura e Commercio, na outra.

Este livro é encimado por um medalhão com a ephigie de Minerva — emblema do Gabinete.

No painel inferior, da mesma face posterior, lê-se a seguinte inscripção:

SE TE ROUBOU A MORTE AOS NOSSOS CORAÇÕES, SE PARA SEMPRE NOS PRIVOU DOS JUDICIOSOS CONSELHOS COM QUE NOS DIRIGIAS, VIVERÁS NA IMMORTALIDADE DAS TUAS OBRAS, DA SAUDE AMANTISSIMO DOS TEUS E DO EXEMPLO PERFEITO, QUE FÔSTE, DO TRABALHO, DA HONRA, DO CIVISMO, DA LEALDADE E DA MODESTIA, QUE FIZERAM DE TI — O GRANDE HOMEM QUE TU FÔSTE.



No horizonte da política francesa começam a aparecer inquietadoras nuvens, que podem muito bem ser os annuários de proxima tempestade. Symptomas inequívocos estão indicando que qualquer cousa anormal existe em gestação n'aquelle meio, aparentemente sosegado, mas inquieto no fundo e trabalhado por um descontentamento que por mil modos se torna manifesto. O movimento anti-clerical, desencadeado pelo ministro Waldeck-Rousseau com a lei sobre as associações, parece querer ir mais longe do que o desejava o proprio iniciador, e até o sr. Combes, que com tanta valentia e intransigencia accenou o encargo de applicar a lei do seu predecessor, principia a recuar perante as consequências extremas que a parte mais radical da camara lhe aponta como a missão do gabinete. A declaração por elle proferida, durante a discussão da proposta para a supressão da embaixada junto do Vaticano, de que a grande maioria do povo francez não estava ainda preparada para comprehender a ideia moral separada do sentimento religioso, valeu-lhe a opposição declarada de alguns valiosos auxiliares, que até agora o haviam acompanhado tanto dentro como fóra do parlamento. Assim, pois, na questão religiosa quebrou-se a unanimidade que constitue a principal força do partido liberal na lucta, em que anda empenhado contra a reacção. Por agora ainda a divergencia não ameaça seriamente a estabilidade da concentração republicana. Mas se o governo continha no movimento de recuo que já iniciou, é difficil prever o resultado da mudança de attitude. A maioria da camara mostra cada vez mais tendências accentuadas para as medidas radicais em materia religiosa, e não será elle decerto quem cederá neste ponto. Acontece agora em França o que sempre ali tem acontecido — os acontecimentos arrastam os homens e vão muito mais alem das suas previsões. Quem diria aos primeiros revolucionarios da Assembleia nacional de 1789 que d'ahi a quatro annos apenas a revolução teria galgado por cima de todos os obstaculos até chegar á Convenção de 1793? Em que ponto se achava o sr. Waldeck-Rousseau e o sr. Combes, a democracia franceza não se detém a meio do caminho. Tomou gosto á caça ao clerical, e ninguém será capaz de lhe conter o impeto.

Mas o perigo está exactamente no enthusiasmo com que os radicais se lançam na pista, que lhes foi aberta. Os reaccionarios de todos os matizes estão tentando um supremo esforço para a desforça, e com tal fim vão buscar aliados não só ao campo religioso, onde os amigos das associações dissolvidas pregam a guerra santa contra o ministerio e os seus defensores, mas ainda a outros meios, onde a força das circumstancias está recrutando numerosos proselytos para a causa da reacção. Waldeck-Rousseau pela necessidade strategica de fortalecer o ministerio de concentração republicana que formou, deu n'ella representação ao partido socialista na pessoa do sr. Millerand. Este partido aproveitou-se habilmente da situação, não cessando desde então de estar ao lado do governo como principal auxiliar d'elle. Substituiu o ministerio Waldeck-Rousseau pelo ministro Combes foi dispensada no governo a colaboração dos socialistas. Mas a pouco trecho a camara elegia como um dos seus vice-presidentes, tendo já desempenhado as funções de presidente, o prestigio chefe socialista Jaurès, que é actualmente uma das personalidades mais influentes e mais em evidencia da camara.

Não há duvida de que esta preponderancia do partido socialista na camara franceza é legítima, e de que o actual governo ou outro qualquer, se quiser levar por diante o programma que a grande maioria do pais está reclamando, tem de se apoiar no partido extremo, uma vez que os partidos moderados recusam com elle colaborar para a consolidação definitiva das instituições republicanas. Mas a alliança com os socialistas, que naturalmente impõe ao ministerio concessões a este partido, lança no campo opposto todos aquellos que ainda se assustam perante a ideia de conceder a mais pequena parcela de poder que se pertença ao grupo, que tem como lema da sua politica a radical transformação do existente, sobretudo na ordem economica. E por isso, se de uma parte o governo ganha com a aproximação da extrema esquerda, da outra dá por este facto novos elementos á colligação que no pais contra elle se está formando. Assim, ao lado dos clericais rancorosos formam os burguezes timoratos, indifferentes á questão religiosa, mas muito sensíveis em tudo que se refere á estabilidade dos seus interesses, que julgam ameaçada com a persistencia no poder do actual gabinete ou de outro qualquer da mesma côr e de identicos principios.

Veio por ultimo um terceiro factor augmentar a força da colligação anti-ministerial, e este, justo é confessar, o pôde n'um momento daquirir excepcional importancia. Queremos fallar da questão internacional, enquanto a nós pouco habilmente posta por Jaurès, embora a thesa da renuncia á desforça fosse com grande eloquencia por elle defendida e apoiada em senatos e assembleas. Ha, porém, certos pontos, que muito principalmente em França se não podem atacar de frente, porque ferem profundamente o sentimento publico e produzem uma reacção contraproducente. A questão das relações da França com a Alemanha é um d'esses. Por mais que espiritos esclarecidos se esforcem por demonstrar que a annexação da Alsacia e Lorena é um facto consummado e irrevogavel, e que toda a ideia

de desforça no terreno propriamente militar não passa de uma puerilidade sentimental que só tem como resultado pratico impor pesadões mas estereis sacrificios á França, nenhum politico tem força para frente a frente dizer tãs verdades á nação sem se arriscar a perder todo o prestigio e a levantar contra si uma verdadeira tempestade de odios irreconciliaveis. Os socialistas, conformes n'este ponto com o credo que professam, fazem abertamente a propaganda da renuncia ás provincias perdidas. Não prestam, porém, na actual conjuntura bom serviço ao governo de que são os aliados, porque contra elle concitam a opinião dos patriotas, irreffectos e fanáticos, que nem por isso menos afeitados ao sentimento de intransigencia contra o inimigo victorioso. E este sentimento ha de por largo periodo ainda vibrar no coração do povo francez, muito embora pela evolução natural do tempo possa elle hoje coexistir com a ideia de uma eventual aproximação n'outro terreno. E' elle que explica a grande popularidade que Gambetta gozou, a rapida e singular fortuna de Boulanger, o enthusiasmo com que nos primeiros tempos da sua celebração foi acolhida a alliança franco-russa, e finalmente as raizes que o «nacionalismo» tem ainda em França entre as camadas populares e mesmo nos meios illustados. Aceitando como boas todas as criticas que contra tal sentimento se possam produzir, é indubitavel, porém, que como facto tem os homens publicos que contar com elle; e que chegaria a ser infantil oppor, que a força dos argumentos ou a intelligencia do convicção de um discurso eloquente eram sufficentes para o supprir. Foi o que mais uma vez se patenteou com a replica que as palavras de Jaurès encontraram na inesperada intervenção de Deschanel.

O ex-presidente da camara dos deputados que, pelo que se vê, ainda não esqueceu a votação que o apeou da cadeira presidencial, aproveitou a discussão do orçamento para pronunciar um longo discurso, no qual sobretudo foram importantes as declarações sobre a politica externa. A politica dos defensores do governo é «politica da ablição» e esta, acrescentou o orador emphaticamente, nunca a França a poderá aceitar. D'esta forma tomou Deschanel posição contra o movimento de aproximação com a Alemanha, de que Jaurès se fez o eloquente campelo. Forçoso é confessar que a manobra do sr. Deschanel não deixa de ser habil. Atacar o governo por causa da politica religiosa ou social que tem seguido, seria trabalho baldado, pois que a maioria do pais a paiza e approva. Foi contrario levantar a bandeira, que em tempo fez a fortuna de Gambetta, e que sempre ha de encontrar as massas populares a saudar com enthusiasmo, é começar o jogo com um forte triumpho nas mãos. O nacionalismo tem até hoje luctado com a incapacidade dos chefes e com a inanimidade do programma, que nunca passou de meia duzia de declamações vãs ou de verdadeiras monstruosidades sociaes, como por exemplo, a exclusão de França de todo o elemento estrangeiro, contra os fonsos passíveis que actualmente uma nação das demais por qualquer muralha da China. De resto o valor do programma estava perfeitamente de accordo com o valor dos dirigentes do partido — Boulanger ou Deroulde. O nacionalismo, porém, com um homem á frente do valor de Deschanel pôde ser um serio elemento de perturbação politica, sobretudo se a bandeira que elle hestear em vez das antigas e ridiculas exagerações inscrever como mote a lucta contra o «partido da ablição». Compreendese o por isso despeito da ansiedade allemã e o empenho com que ella tenta metter a ridiculo a attitudão do sr. Deschanel. Pelo contrario, o que tambem facilmente se percebe, não poupa elogios a Jaurès pela manciã levantada como fallou a respeito da politica internacional e muito especialmente das relações franco-allemeas.

Seja como fór, o que é certo é que a intervenção do sr. Deschanel veio trazer á politica franceza mais uma complicação. A questão da Alsacia-Lorena, a questão social e agora a questão das relações externas da França, ou antes o renascimento da questão da Alsacia-Lorena, são cada uma de per si importantes elementos de dissolução, que se tornarão formidaveis no dia em que se colligarem sob a direcção de um chefe intelligente e enérgico. Será o sr. Deschanel esse chefe? Que elle é bem superior aos Boulanger, Deroulde, Guérin e tutti quanti até agora tem sido os leaders do nacionalismo, não ha duvida. Chegará, porém, á craveira? Dentro em pouco a França o saberá para sua tranquillidade.

Se a politica interna franceza está atravessando uma crise grave, não são tambem côr de rosa os horizontes da politica allemã. Muito pelo contrario. Em Berlin, do mesmo modo que em Paris, talvez mesmo com intensidade bastante superior, lavra um espirito de opposição contra o governo imperial, que por vezes chega quasi a degenerar em verdadeira revolta. O chanceller e o proprio imperador não são poupados pela imprensa liberal, e o trabalho de demolição da autocracia prussiana continúa, sobretudo por parte dos socialistas, com verdadeiro furor e cada dia mais oausado.

Ainda ha bem pouco foi Guilherme II bastante maltratado por um membro do partido socialista no *Reichstag*, e quando o presidente, conde de Ballestad, retirou a este deputado a palavra, esse acto pre-

visto no regulamento e justificado pela attitude do orador, causou tão má impressão nos círculos liberais, que o mesmo presidente se viu obrigado a dar a demissão.

A propósito do discurso pronunciado no enterro de Krupp succedem-se os artigos e as brochuras contra Guilherme II, e por maior que seja a repressão não ha meio de conter a propaganda contra a corôa, que cada dia está mais em cheque, não bastando a resguardal-a a defesa por vezes bastante pallida, seja dito de passagem, do conde de B. low. Tudo indica que uma profunda transformação se está operando no modo de ser politico da Alemanha. Onde irá parar o movimento que tão incespandavelmente se está accentuando contra o imperador, é difficil prevê-lo. Terminará pela victoria completa do liberalismo parlamentar, tendo de submeter-se o throno? Ou acabará por um golpe de estado, como ainda ha pouco o prophetisava Mommien n'uma carta celebre? Dado o incremento que tem tomado e todos os dias está tomando o partido socialista, vê-se bem que o imperio é in-competente para a questão universal. Toda a questão está em saber se Guilherme II tem pulso para o abolir. Se tem, continua a autocracia prussiana a impôr-se nos demais estados. Se não tem, os dias do poder pessoal estão contados na Alemanha.

Um novo facto vem ainda agora complicar mais a situação. N'uma das ultimas sessões do *Reichstag* o chancellier annunciou a intenção do governo de supprimir o § 2.º da lei contra os jesuitas, que prohibia o estabelecimento de qualquer membro da Companhia de Jesus no territorio da Alemanha. Esta deliberação do governo imperial, que trouxe uma grande victoria para o centro catholico e representa a paga a este partido dos seus serviços na questão do projecto da nova pauta, produziu verdadeiro espanto nos qwestões liberais, e está sendo severamente criticada até pela imprensa quasi semi-official, como a *Gazeta de Colonia*.

CONSILIER PEDROSO.

General Couto de Magalhães

Não cabe, na estreiteza de um artigo escripto á pressa, a biographia desse brasileiro illustre que ha quatro annos terminou neste mundo a sua carreira gloriosa. Accedendo ao convite da direcção do *Brasil Portugal*, que me pediu algumas linhas para acompanharem o tratado do general Couto de Magalhães, que vai ser estampado na brilhante revista lisboense, limitar-me-hei, para desempenho da honrosa incumbencia, a registrar algumas notas sobre sua vida agitada e a muitos titulos gloriosa.

Nasceu na cidade de Diamantina (Minas Geraes), em novembro de 1837, e era filho do portuguez Antonio Carlos de Magalhães, negociante de brânhas, e de D. Theresza de Magalhães, senhora celebre por sua formosura,



General Couto de Magalhães

filha do notavel mineralogista dr. José Vieira Couto, auctor da preciosa monographia sobre minas, publicada em 1799 para o Principe Regente, depois D. Pedro I.

Em 1847, iniciou os seus estudos no Seminario de Mariana, em companhia de dous irmãos, depois coronel Antonio Carlos de Magalhães, morto em combate no Paraguay, e o dr. Leopoldo Couto de Magalhães, medico, pae de quem traça estas linhas.

Concluidos os preparatorios, matriculou-se na Academia de Direito de S. Paulo, onde se bacharelou, defendeu theses e doutorou-se em 1850. Quando academico, dedicou-se a estudos especiaes da lingua allemã e de philosophia, contando entre os seus ouvintes, no curso desta sciencia, o venerando brasileiro dr. Fructuoso de Moraes, ex-presidente da Republica. Trabalhava activamente no jornalismo, fundou a *Revista da Academia*, escreveram diversas monographias e, em vespéras de doutor-se, publicou interessante romance sobre a fundação de S. Paulo, *Os Guaranyas*, dedicado ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro e ao Barão Homem de Mello, seu antigo companheiro de república. Mas não menos na mesma data, era admitido naquella antiga e respeitavel associação scientifica, cujas portas he abriu uma memoria historica sobre a revolta de Philippe dos Santos em 1720.

Em 1860 o general Couto de Magalhães foi secretario do governo de Minas Geraes e em 1861 — contando apenas 24 annos de idade — foi presidente de Goyaz, onde permaneceu até 1864; occupou depois a presidencia do Para, de Mato Grosso e S. Paulo, sendo que nesta ultima provincia o encontrou, em 1869, a revolução triumphante que proclamou a Republica no Brasil.

Nomeado presidente de Minas Geraes, recusou o elevado posto, como recusara a administração da provincia do Rio de Janeiro, que lhe fora offerta pelo marquez de Olinda; o visconde de Ouro Preto foi o conselheiro de Estado e convidou-o para a pasta da Agricultura ou para a da Guerra no ultimo Ministerio da Monarchia. Duas provincias o elegeram deputado geral — Mato Grosso e Goyaz —, e ao proclamar-se a Republica, o seu nome estava incluído numa lista triplice de senador por Mato Grosso e Goyaz.

O general Couto de Magalhães foi, d'entre os contemporaneos, o que mais viajou pelo Brasil, sendo as suas excursões só comparáveis as do celebre *Anhangura*; muitos dos seus companheiros, nessas viagens, succumbiram a febre e a desastres. Sabia uma vez o rio Tocantins, em vapor que transportava a embarcação imperial, e o general Couto de Magalhães logrou salvar-se, depois de lutar tres longas horas entre a vida e a morte.

Foi o illustre brasileiro quem primeiro explorou o rio Araguaia, no intuito de estabelecer facil caminho fluvial entre Mato Grosso, Goyaz e Para; conseguiu, com sua rara tenacidade e energia, comunicar a bacia do Prata com a do Amazonas — empreendimento gigantesco que levou a cabo em 1868, quando presidente de Mato Grosso. O general Couto de Magalhães publicou sobre este trabalho um manual pratico e exacto e a *Viagem ao Araguaia*, de que se exgotaram depressa duas edições.

Como industrial, o illustre brasileiro organizou a companhia de navegação do Araguaia; fundou a margem deste rio uma escola de machinistas; foi sócio do Sr. Joaquim José de Assis na empresa de navegação do Rio Negro; fez estudos e tornou-se concessionario da estrada de ferro Rio e Minas; promoveu a constituição em Londres das *Minas and Rio Railway Co. Ltd.*; e, finalmente, foi um dos fundadores e directores do Banco de S. Paulo, dos e hoje um dos mais respeitaveis estabelecimentos de credito na capital do Estado desse nome.

Por occasião da guerra do Paraguay, o general Couto de Magalhães foi nomeado para a presidencia de Mato Grosso e commandante em chefe das forças que deviam desalojar daquela provincia os inimigos. Bebeu-se, desde logo, lãbiu chefe militar, derramando os paraguayos em todos os combates.

Organizou a expedição victoriosa de Corumbá, e, de posse desta cidade, voltou para a capital de Mato Grosso, a travez de caminhos pantanosos, numa longa e penosa jornada de cento e cincuenta leguas. Manifestou-se entre os soldados a epidemia de variola, que fez centenas de victimas; escaeceram os mantimentos e, não obtendo as fadigas, a fome e a peste, os brasileiros deram provas de heroica bravura, balendo em caminho, mais de uma vez, os paraguayos; em Guayrá, a variola grassava tambem intensamente. O general Couto de Magalhães conseguiu debellar a epidemia, estabelecendo cordões sanitarios e promovendo a vacinação em larga escala. O relatório do Ministerio de Guerra, de 1868, assim se refere ao illustre brasileiro:

«Foi mais um importante serviço prestado por tão distincto funcionario, que já havia bem merecido do paiz, conseguindo superar inumeras difficuldades na organização da força de 2.000 homens e de uma flotilla de 5 navios, a cuja frente se collocou, alcançando, por suas diligencias, as operações e a victoria da cidade de Corumbá. E é ainda a seus esforços que deve achar-se hoje a capital da provincia em condições de resistir a qualquer aggressão do inimigo e de haver alli, prompta a marchar ao primeiro aviso, uma força disciplinada de cerca de 3.000 homens».

Em 1876, o general Couto Magalhães escreveu, a pedido de D. Pedro II, o livro *O Seteagen*, para figurar na bibliotheca americana da Exposição Universal de Philadelphia; — é um curso da lingua geral, comprehendendo o texto original de muitas lendas tupis, usos e costumes dos indios brasileiros, methodo de catechese etc. *O Seteagen* foi traduzido em varias linguas e é muito citado por quantos tem tratado do assumpto, na Europa como na America.

O general Couto Magalhães viveu cirea de doze annos entre tribos selvagens, estudando-lhes a lingua, usos e costumes; falava francez, inglez, allemão, italiano, hespanhol, tupi e dialectos indigenas. Por muitos titulos, era considerado sábio. Doutor em Direito, dedicou-se a estudos de physica e mechanica e, em Londres, aprofundou-se em medicina e astronomia. Correspondia-se com o sábio naturalista Agassiz.

Mezes antes de fallecer, preparava a segunda edição do *O Seteagen* e, a proposito da questão do Ampa, publicou no *Jornal do Commercio*, do Rio, dois brilhantes artigos em defesa do direito do Brasil. Tomou parte nas conferencias archeologicas realizadas em S. Paulo por iniciativa do dr. Eduardo Prado, discorrendo sobre *Anchieta* e as *ruínas e linguas indigenas do Brasil*.

Sob o governo de Floriano Peixoto, foi preso como suspeito de revolução e encarcerado, como tantos outros brasileiros, nos calabouços e subterrâneos da Casa da Correção; sahio da prisão muito abatido, manifestando, desde logo, symptoms de alienação mental; esteve em tratamento na Europa, d'onde voltou mais curado, e succumbiu a um accesso pernicioso, no Hotel Vista Alegre, do Rio de Janeiro, a 14 de setembro de 1908.

O general Couto de Magalhães pertencia a grande numero associações scientificas e litterarias; era commendador da Ordem de Christo, official das do Cruzeiro e da Rosa, condecorado com as medalhas da campanha do Paraguay e com a de ouro, concedida ás forças que libertaram a provincia de Mato Grosso.

Não adheria nunca á Republica e, quando triumphou a revolução de 15 de novembro, só deixou a presidencia de S. Paulo depois de ordem recebida, até á sua casa, pelos seus proprios contrahentes em politica.

«Como todos os homens superiores — escreveu o dr. Affonso Arinos — o general Couto era um tanto excentrico. Apesar de possuir fortuna avultada, vivia com extrema simplicidade e amava apaixonadamente a vida rustica. Sentia-se bem no campo, ao lado dos seus contrahentes em politica, pelos campos, embrenhava-se nas matas ou passava horas pescando á beira dos rios.

«Entre os homens rudes do sertão, recordados á réde, ouvindo os descanços da vida, ninguém o distinguia, nem pelo traje, nem pelo modo, dos demais sertanejos.

«Quando, porém, se encetava a conversação sobre um ponto de sciencia, de politica ou de historia, transfigurava-se o sertanejo e apparecia o homem superior, o sábio arguto, o polygrapho eminente, o patriota de rara dedicação».

Taes são, em rapida synthese, as principaes notas da vida, tão agitada e tão util á patria, do illustre brasileiro e meu saudoso tio.

S. Paulo, 1902.

COUTO DE MAGALHÃES.



D. Amélia. Pouca sorte — **Trindade.** Se eu fora rei — **Gymnasio.** Cabeça de burro — **Rua dos Condes.** Zanzuelas.

NENHUM original nos fornece a última quinzena theatral. Em pleno regimen carnavalesco só peças estrangeiras, modernas e antigas, chamaram o publico aos theatros de Lisboa. Só n'uma recita extra, começada depois da meia noite e concluída cerca das trez da madrugada, abriram excepção os artistas do **Gymnasio**, n'uma das noites de carnaval, representando e recitando perante as centenas de convidados que enchiam litteralmente o theatro, alguns originaes extravagantes e pittorescos em que as palavras e os gestos prohibidos durante o resto do anno tiveram farta expansão e franca sahida. Abriu-se de par em par a valvula da gargalhada, devendo considerar-se essa noite desopilante uma brilhantissima desforra do anno inteiro obrigado a etiquetas, a medidas e a hypocrisias.

D'essa bombochata da linguagem empunharam com garbo o sceptro real a Barbara, a Josepha, o Telmo e o Cardoso, que em trez horas de gaudio forneceram uma *revanche* completa a uma sociedade macambusica.

De original houve tambem não uma peça mas uma representação. Foi a *Ceia dos cardeaes* no **D. Amélia**, em que os trez cardeaes que hão de já agora passar á lenda, o Augusto Rosa, o João Rosa e o Brazão, desceram á baixa categoria de servos, envergando triumphantemente as vestes cardinalicias, tomando as attitudes e os gestos proprios, dando aos personagens toda a *allure* que a arte e o carnaval permitiam, as actrices Adelina Ruas, que fez passar pela sua voz a Hespanha hyperbolica, pimpona e amorosa, Lucinda Simões, que emprestou ao espirito francez o seu encanto feminino e Rosa Damasceno, que ao amor portuguez, bonacheirão, ingenuo e ardente, deu a magia da sua voz.

Estas foram, como disse, as duas originalidades theatraes da quinzena sobre as quaes passamos ao de leve como gato por braza, visto que foram destinadas a viver menos ainda que a rosa, e que da sua passagem pelo palco deixaram uma impressão que não foi alem das horas galhofeiras que duraram.

Deu-nos o **D. Amélia** uma comedia nova *Pouca sorte*, em trez actos, de auctores já nossos conhecidos, George Berr, Delisle e Guillemand, posta em linguagem portugueza por João Costa, que teve a felicidade de manter toda a graça original, sem a entremear de estrangeirismos.

A *Pouca sorte* é uma *pochade* que antes de triumphar aqui, antes de desopilar os ligados portuguezes, fez as delicias do publico de Paris. E nada, com effeito mais comico que a base escolhida pelos auctores para o assumpto da sua comedia. Aquelle gatuño que passa a vida a nutrir um desejo, a alimentar um ideal: ser preso, e que nem nos codigos, nem nas leis, nem na policia, nem, em summa, em toda a constituição social encontra ensejo de realizar esta ambição modesta, hão de concordar que é uma *trouille* comica, das mais felizes que n'este despretençioso genero theatral tem apparecido.

Valle que, para a sua appareição n'aquelle theatro, que coincidia com a noite da sua festa, escolhera a *Pouca Sorte*, fez á maravilha o papel de gatuño. E' elle por uma penna aquelle que os auctores crearam. E isto que é um louvor justissimo seria uma affronta se se dirigisse a outro que não fosse um grande artista. E' que metter-se um homem na pelle de um gatuño, tomar-lhe os gestos, reproduzir-lhe as habilidades e as manhas e, durante tres actos, que são como tres annos de universidade, fazer um curso completo de gatuñice, como faz o Valle, pondo-lhe simplesmente a mais o briho do proprio espirito, o esmalte da graça pessoal, seria caso para qualquer outro se desgostar e aborrecer deante de quem lhe adivinhasse a vocação. Mas, para o caso do Valle, não ha elogios maiores, nem mais justos, tal é a arte, taes são os recursos de que elle dispõe, tal a verdade com que encarna os seus personagens.

Os artistas que o acompanham, Adelina Abranches e Maria Pia, Augusto Rosa, Alves, Cabral, Gil, Chaby e Augusto Antunes, deram aos seus papeis extraordinario relevo comico e da exhibição da engraçada *pochade* fizeram um dos espectaculos mais alegres e mais brilhante dos theatros de Lisboa.

A *reprise* na **Trindade** da opera comica de Adam *Se eu fora rei*, d'esta vez confiada á direcção do maestro Nicolino Milano, teve uma execução que todo o publico sublinhou com os seus applausos, e deu logar á estreia do tenor Velo, que revelou bellas qualidades de cantor: voz bem timbrada, sahindo-lhe apesar das hesitações de uma estreia as notas firmes, e nitidas. Medina de Sousa, o velho Queiroz, Theresa Mattos, Conde e Gomes, no conjunto do *Se eu fora rei* colheram do publico applausos justos, de que partilhou Affonso Taveira, que ensaiou e ensenou a peça com aquella sciencia e primor que todos lhe reconhecem.

Cabeça de burro é a comedia allemã traduzida por Xavier Marques, que Joaquim de Almeida escolheu para a sua festa no **Gymnasio**. A peça é d'aquellas sobre que a critica não pode exercer-se. Fogem á logica e o seu unico merito é o de fazerem rir. E se a peça, vasada em moldes a que se não afeiçoia muito o nosso paladar litterario, o não conseguisse, conseguiu-o por completo Joaquim d'Almeida, o velho conquistador de creadas, que de todos os gestos, de todas as phrases, de todas as attitudes, de todas as peripetias, tira effeitos de arte, como artista que é, dos maiores, dos mais pujantes, que conta o theatro portuguez.

A quantos o acompanham no desempenho da *Cabeça de burro* fez justiça devida a sala do Gymnasio applaudindo-os mais a elles do que á peça.

Resta-me falar da **Rua dos Condes** que, para satisfazer todos os paladares tem exhibido algumas zanzuelas de uma companhia hespanhola de passagem para o Brasil.

As mais applaudidas de quantas tem representado é a *Enseñanza libre*, em que os principaes papeis são desempenhados pelas actrices Solis e Melendo e pelos actores Morin, Rosich e Asmodeu.

JAYME VICTOR.



BRASIL—PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e cartas: Companhia Nacional Editora
Largo d.º Conde Barão, 50

Paginas supplementares: Off.ª Estação Nunes & F.ª
Rua d.º Assumpção, 18 e 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Loré Tavares

Editor—Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 135

End. telegraphico—BRATUGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Anno	Moeda brasileira	Anno	Anno
Numero avulso	20000	5 mezes	75 000
	20000	3 mezes	45 000
		Numero avulso	25 000

SUMMARIO

TEXTOS

Homenagem a Garrett.

O Gabinete e Garrett—ZEFERINO CANDIDO.

Genio—D. ALBERTO BRAGA.

O quarto das crianças—ALGUSTO FILLON.

Quilates

Genios—URBANO DE CASTRO.

Soneto—JOÃO P. NINA.

Joaquim da Costa Ramalho Ortigão e o Gabinete Portuguez de Lectura do Rio de Janeiro.

—JOAQUIM LAMARCA.

Polices internacional.—CONSIGLIER PEDROSO.

General Couto de Magalhães—COUTO DE MAGALHÃES.

Theatros—JAYME VICTOR.

GRAVURAS

Palacio e jardins do Marquez de Fronteira, em S. Domingos de Bemfica—Dr. Alexandre Braga—D. Alberto Bramão—Marquez de Fronteira—Yacht Amelia, varios trechos—S. M. a Rainha a Senhora D. Amélia—Suas Altezas o Principe Real e o Infante D. Miguel—A fidelidade do Yacht Amelia—Condessa e Conde de Figueiró—O yacht—Joaquim da Costa Ramalho Ortigão—Joaquim Cerqueira—Salão da Bibliotheca do Gabinete Portuguez de Lectura—Dr. Cunha e Costa—Túmulo de Joaquim Ramalho Ortigão—Rusto em marino—Trecho do Yacht Amelia—General Couto de Magalhães.

21 Illustrações

Bom conselho

—Como tu estás abatido, rapaz!.

—Que queres? Loucuras... excessos... diaboli...

—Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas cores, e eras tão franzino!

—Cousas, meu velho. Faz como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Moinho do Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

C. P. VIANNA & C.ª

Successores da antiga casa J. P. DE CASTRO & C.ª

IMPORTADORES E COMMISSARIOS

Unicos agentes no Estado de S. Paulo

DAS

AGUAS VIRTUOSAS

DE

LAMBARY E CABUQUIRA

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

LLOYD AMERICANO

Caixa postal n.º 31.—Endereço teleg.:—«VANINA»

Código teleg.:—RIBEIRO

Rua do Commercio, n.º 11 e 13
S. PAULO—(BRASIL)

Proveniem os preciosos vinhos
de Adriano Ramos Pinto

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

No Continente

PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pate Bone, 10.

SENTEVENTE — J. N. S. Carvalho.
 PONTE DE LIMA — Gama, Amarel & Com.
 CAET LUIO BARRO — Pedro Augusto Passos.
 ELVAN — José Antonio Augusto Valente.
 J. COBACA — José Narciso da Costa.
 FOMALEGUE — Domingos da Guerra Cendes.
 LIRA — Manuel Carlos Dias.
 FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques de Oliveira.
 VIENA DO CASTELO — J. B. Domingues.
 COCUBI — José Pereira Cabral.
 TAVILA — José Maria dos Santos.
 FARO — Maya & Irigoyen.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clusky, 14.
 A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

Na Índia

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Lusa Francisco — Rua Adolpho de Albuquerque.

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO — Agência Central das empresas do Sul. General Theodoro Hugo de Moraes e José Martins Polio, Rua de Alfandega, 62.
 FERNANDELO — A. Leopoldo da Silveira — Rua Primeiro de Março.

PARRA — J. B. dos Santos — (Livreria Classica) — Rua João Alfredo, 30.
 MANAOF — Jayme & Camara — Livreria Classica — Rua Guilherme Moreira.
 MANABIAO — Alberto Maj 1 Caixa do Correio n.º 4.
 OLARA — A. Pereira Braga — Praça José Antonio 30.
 BAULA — José Lourenço de Oliveira Magalhães — Rua Direita do Palácio, 25.
 FELDTAN — Carlos Pinto & C.º — Livreria Americana.
 PORTO ALFONSO — Carlos Pinto & C.º — Livreria Americana.
 RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.º — Livreria Americana — Rua Maria, nº 100.
 VI TOETI — Estado do Espírito Santo — Guimarães e Coelho — E. de Alfandega, 15.

Em Africa

MOAMBIQUE — J. Illo Augusto Pinto de Carvalho.
 BILHA — Antonio Francisco Ribeiro.
 BOMBAJA — Joaquim Teixeira de Assumpção.
 QUILOMAN — Henrique Jorge de N. Neves.
 N. N. N. N. — Mathias & Irmão.
 LOUENÇO MARQUÊS — D. Bernardo Heitor da Silveira da Lourenço.
 S. THOMAS — L. A. B. Alves Mendes.

Manoel de Azevedo e Mello

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

AGENTE E DEPOSITÁRIO DAS

AGUAS

DE

LAMBARY E CAMBUQUIRA

Rua da Alfandega, 62.

RIO DE JANEIRO.

JULIO LIMA & C.ª

FABRICANTES DE CHAPEOS DE FELTRO

Fabrica

167, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 167

Deposito

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End. telég. — JULIMA.

RIO DE JANEIRO

FABRICA FUNDADA EM 1893 — Ocupa a área de 12.000 quadradros

MACHINISMOS MODERNOS E APERFEIÇADOS

Os seus productos rivalizam vantajosamente com os importados da estrangeira. Esta fabrica foi distinguida com o diploma na Exposição Artística e Industrial de 1900, primeira a que concorreu. — Abre-se a principal das mercadorias do país.

The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.º

LISBOA

OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.ª

Viagens rapidas para o Brasil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (as quartas feiras alternadas). Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Pallice e Liverpool. Linha semanal entre Londres, Gibraltar, Malta e Cadiz, e linha mensal para Glasgow Carreiras para Fardens e Leith, etc.

VINHOS

CHAMPAGNE

VILLAR D'ALLEN

VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

Rua 1.º de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

Empresa Nacional de Navegação

Correio quinzenal
para a Costa d'Africa Occidental

Enchidos a 6 e 12 de cada mês, tocando nos seguintes portos:

Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Príncipe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizete, Cambriz, L.orda, Novo Redondo, Benguela, Moçambique, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres.

N. B.—Os paquetes que sahem a 6 fazem escala por Santo Antonio do Zaire Ambrizete, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e os do dia 11 por Madeira, S. Vicente e Príncipe.

Rua da Prata, 8. 1.º

GUILHERME SILVA

Camisas, ceroulas,
gravatas, collarinhos
e panhas



Roupas bordadas
e camizetas
Extravies em todos os
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA

Compagnie des Messageries Maritimes

Paquebots poste français
Linha Transatlantica



Para Dakar, Pernambuco, Bahia,
Rio de Janeiro, Santos, Montevideo
e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.ª classe podem dirigir-se a O'FEY ANTONES & C.ª, 1, Praça dos Remo-farros.

Para passagens, carga e todas as informações trata-se na Agencia da Companhia — 37, Rua Aurea.

Os agentes, SOCIEDADE TORLDES

PLACAS PHOTOGRAPHICAS
PAPEIS JOUGLA
os melhores
PARIS-45, Rue Rivoli, 45- PARIS



EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Para S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lagos do Pico, Fayal e Flores.

Sae o vapor **Acôr**, commandante Carlos Pereira Vidinha, no dia 5 de Fevereiro, às 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes — Caes do Sodré, 81, 2.º

Germano Serrão Arnau

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

OBRAS DE REPARAÇÃO EM CASILHES

ESTABEIRO NO GINJAL



Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FURNEDORES DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.ª

ESPECIALIDADE EM UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 122, 124 e 126 — LISBOA

Procedimento-se com a maior brevidade qualquer encomenda e encaminhamos para exportação. — Atelier mechanico para refecção de uniformes. Garantia em todas as accesorias e boa qualidade, perfeição e modicidade de preço.

LAEMMERT & C.ª — Livreros-Editores ||| RIO DE JANEIRO-Ouvilior, 66-S. PAULO-13 de novembro, 33

ACABA DE SAHIR A LUZ

PLATEN O NOVO METHODO DE CURAR

Manual de hygiene, regras de vida, preservação de saúde e cura de moléstias sem auxilio de drogas. Thesouro de familia e guia dos doentes e das pessoas que gozam saúde, contendo 432 gravuras em madeira, 17 estampas coloridas, 8 estampas anatomicas coloridas, cada qual representando os diversos órgãos superpostos, podendo-se reparar, a vontade, (Nariz, Ouvilio, Boca, Vista, Cabeça, Modelo anatomico do corpo do homem, Modelo anatomico do corpo da mulher com os órgãos durante a gravidez).

2 grossos volumes de cerca de 1500 paginas, impressos com esmero, encadernados em percaline com titulo artistico estampado em ouro e cinco cores.

PREÇO..... 40\$000

Obra indispensavel em toda a casa de familia, ensina em linguagem clara e ao alcance de todo e



o mundo como se evitam as moléstias — Como se curam as doçes — Como se restabelece a saúde — Como se tratam os acciden-tes — O que se deve comer, beber e evitar — Como deve ser nossa roupa e nossa moradia — O cuidado que devemos dar a pele, ao cabelo, aos olhos, ao ouvido, ao nariz, aos dentes, etc. — esta obra põe o leitor ao par de todas as minuciosidades da Estructura do corpo humano e dedica particular attenção ás Moléstias das mulheres e das crianças. Encerra capitulos exhaustivos sobre Hydrotherapia, Massagem, Electricidade, Hypnotismo, Exercicios de Gymnastica Hygienica, etc.

O numero enorme e admiravel de informações concernentes ao corpo e suas funcções durante a saúde e a moléstia tornam a obra de PLATEN o mais completo MANUAL para o tratamento e cura das moléstias.

Envia-se gratis o PROSPECTO ILLUSTRADO a quem o pedir



AGUAS
MINERAES
NATURAES
 DE
LAMBARY
 E
CAMBUQUIRA
 DEPOSITO
 RUA ALFANDEGA 52
 RIO DE JANEIRO

LAMBARY



CAMBUQUIRA



Estabelecimento de banhos em Lambary



HOTEL DOS ESTRANGEIROS

PRAÇA JOSÉ DE ALENCAR

O primeiro do
Rio de Janeiro.

CARPINTARIA, MARCENARIA E SERRARIA

A VAPOR

DE

José Maria Pereira Junior

COMPLETO SORTIMENTO

DE

Madeiras e Materiaes

Para construcções civis

Construcção e reconstrucção de predios

RUA LAVRADIO, 33

RIO DE JANEIRO

Companhia Trasatlantica de Barcelona



LINHA DE FILIPINAS

Sahidas de Lisboa de 4 em 4 semanas, com serviço de mercadorias e passageiros para Port-Saïd, Aden, Colombo, Batavia, Bombaim, Badure, Calcutta, K-o-gu, Hong Kong, Kurr chea, Manila, S-gua, Shanghai, Sidney, Singapore, Suez, Yokohama e outros portos de Asia e Oceania. — Passageiros para Macau.

Serviço de mercadorias e passageiros de Liverpool para Lisboa. Passageiros para Cadiz, Cartagena, Valencia e Barcelona, e com transborda em Cadiz para Tanger, Gibraltar, as Antilhas (Cuba e Porto-Rico), Veracruz, New York, Montevideo e Buenos Ayres. Para carga e passagens trata-se com

Os Agentes,

Henry Burnay & C.

LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 10, 1.º

BANCO
Nacional Ultramarino

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Séde em Lisboa

Rua Nova d'El-Rei, 73

Succursaes em Moçambique e
Loanda Agencia em S. Vicente e
S. Thiago de Cabo Verde, Benguela,
Mossamedes, S. Thomé, Lourenço
Marques e nas principais
terras do norte

Artigos de menage
JOÃO CARDOSO
62, Rua do Carmo, 64

Armazem de bebidas

TALHARES
Cafeteiras, manteiguciras, galho-
teiros, etc.

Crystaes de mesa
Copos, garrafas, jarros em ser-
viços completos e avulsos.

LOUÇAS
Serviços de jantar
Serviços de almoço

Padrões e moldes absolutamente
modernos de porcelana e faiança
inglesa.

Artigos de 1.ª ordem

FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANQUEIROS

R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 120

— LISBOA —

SOCIOS:

Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna
e Joaquim Pinto de Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estran-
geiros, acções de bancos e companhias. Tomam e saccam
letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem
gencros e fundos publicos á consignação. Recebem depositos
em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo.
Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão.

Bilhares de precisão

COM A

Celbre tabella americana

MONARCH

PANNOS, TACOS, BOLAS
e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade

Cartas, Tectos e Fizas
Para todos os jogos

Vinda de José Alexandre de Senna

23 — Rua Nova do Almada — 20

(Casa fundada em 1811)

LISBOA 2.ª e 3.ª Cid. de El-Rei

WALA REAL INGLEZA

ROYAL MAIL

STEAM PACKET COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

BRASIL E RIO DA PRATA

Pelos magnificos vapores
d'esta antiga Companhia

Prestam-se todas as informações
na rua d'El-Rei, 31.

OS AGENTES,
JAMES RAWES & C.

GABINETE HYDROTHERAPICO

Dr. Manperrin Santos

Médico da cidade } J. Manperrin Santos
Médico da cidade } J. Silvestre d'Almeida

Instalação hydrotherapica completa, duas
salas de banho para banho e secção, inter-
namente a 7.º andar e 8.º dependência; gabinete
auxiliar de electro e magnetismo; banheiro
e sala de espera, dirigidos por C. de S. e
J. Silvestre d'Almeida.

Horario das 8 h. de manhã a 2 h. de tarde

ENTRADA: CALÇADA DO DOQUE, 30

CALÇADA DA FLORES, 14 LISBOA

ALFATERIA "CONFIANÇA"

R. dos Fanqueiros, 101, 1.º

JAYME PIRES & COM.ª

Fazendas nacionaes e estrangeiras,
Confecções para homens, senho-
ras e crianças. Fardamentos mi-
liares e todos os uniformes.

Preços resumidos

Fatos completos pretos, azuis e em
cores, de

65000 a 205000

Ditos de fazendas estrangeiras, de

145000 a 245000

Escalado sortimento em sobrevestes,

Doublas-capas e varizes d'aveiro.

Capas d'espandole, habito especial

da nossa casa, de

155000 a 245000

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

 Premiado na Exposição
 Universal de Paris de 1889

 Magnifico sortimento de fazendas
 nacionaes e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111. 4.º — LISBOA

 Os bons flambres, as boas mortadellas,
 Tudo o que mata o mais feroz jejum.
 Os bons vinhos de Rheno, ou de Bucellas,
 Whisky, Kyrsh, Cognac, Old-Tom, Rhum.

 Salchichas, trufas, *petit-pois*, sardellas,
 Lagostas e salmão, ostras e atum,
 Isto tudo se encontra a tartadellas
 A' rua Ourives, no sessenta e um.

 De de o melhor Bourgogne ao paraty,
 Tudo que em vida de melhor consomes,
 Encontras sempre com certeza ali.

 Não é filial de casa alguma, ouvi!
 É simplesmente o bom Avilla Gomes
 Ex-gerente da antiga Casa Henry.

Rio de Janeiro



Exportadores Para todos os Estados do Brasil	Officinas montadas em todos os municípios do Brasil	AGENCIA EM TODOS OS ESTADOS	TELEGRAPHOS PINTO MONTEIRO Calle de Lario—494
--	---	-----------------------------------	---

101, RUA DO HOSPICIO, 101

RIO DE JANEIRO

 MARQUES, Successores
 OURIVES-JOALHEIROS

O mais vasto, completo e variado sortido em objectos em pedras finas, d'ouro, prata, bengallas, carteiros, etc. — Sempre as novidades esculpidas pessoalmente em Paris, Alemanha e Vienna.

123 — Rua de Santa Catharina — 131

Objectos d'arte e em esmalte

Preços fixos e garantidos

— PORTO —

Endereço telegraphico LION S. PAULO CAIXA DO CORREIO
N.º 44

S. PAULO, SANTOS E HAMBURGO
BRASIL E ALLEMANHA
ESCRITORIO: R. do Commercio, 8

CIMENTO PORTLAND

QUALIDADE

RESISTENCIA

SUPERIOR

GARANTIDA



Usado com optimos resultados por empresas particulares e Obras Publicas da Europa, dos Estados Unidos da America do Norte e do Brasil. Approvado pela Repartição de Aguas e Esgotos de S. Paulo-Brasil.

IMPORTADORES e DEPOSITARIOS

LION & C.ª
S. PAULO E SANTOS
Brasil.

Alberto, Martins & C.ª

IMPORTAÇÃO

E

EXPORTAÇÃO

Caixa de Correo — 708.

Código — BRASIL e RIBEIRO

Rua da Alfandega, 110
RIO DE JANEIRO

Empresa Nacional de Navegação

Almanach Illustrado

Para o

ALGARVE e GUADIANA

CARREIRA OFFICIAL



GOMES VI

Este novo e excellente vapor da carreira official entre Lisboa, Sintra e portos do Algarve sahe de Lisboa nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sahir em 6 e 21.

DO

Brasil-Portugal

Para 1903

200 GRAVURAS

PAPEL DE LUXO

Está á venda em todas as livrarias do costume.

Eu era assim



Cheguei a ficar quasi assim



Soffria horivelmente dos pulmões; mas graças ao XAROTE PEITORAL DE ALCATRAO e JATANY, prescrito pelo pharma euico Honorio do Prado, o mais poderoso remedio contra tosses, bronchites, asthma, rouquidão e coqueluche.

Consegui ficar assim



Completamente curado e bonito

Honorio do Prado

115, RUA DO LAVRADIO, 115

DEPOSITO: — Drogaria PACHECO & C.ª — ANDARAIS, 80

VIDRO 2\$000 RÉIS

MARCA REGISTRADA Rio de Janeiro.

FABRICA
DE
TECIDOS e FIAÇÃO

SANTA MARIA SOROCABA

PROPRIETARIOS:

ERNESTO ZSCHÖCKEL & C.^a

Escriptorio Central:

S. PAULO — Rua S. Bento, 45

CAIXA POSTAL 96.

Endereço telegraphico: DUODECIMO.

ESPECIALIDADE da fabricação
BRINS e RISCADOS

Aux Dames Élégantes

GRANDES ATÉLIERS
DE
COSTURA E CHAPEUS



Especialidade em toilettes para baile, theatro e passelo
Enxovas para casamentos
Sempre grandioso sortimento em capas, paletots e outros abafos
de novidade

FIGUEIREDO & SILVA

1, RUA DO THEATRO, 1

RIO DE JANEIRO

Adresso telegraphico AZOUGUE
Codigo — Kibeiro

Caixa do Correo N.º 38
Telephone — 389

MERCURIO

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

Autorizada a funcionar por carta patente n.º 2



Capital Réis 2.000:000\$000

Deposito no Thesouro Federal Réis 200:000\$000

Incorporada pela ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO
DO
RIO DE JANEIRO

CASA DOUX

BÉNAC, TEIXEIRA & C.^a

(Successores de A. DOUX, e de DOUX & FERREIRA)

ARMADORES E ESTOFADORES

O maior sortimento de moveis e tapeçarias

Incumbem-se de installações de aposentos

RUA DO OUVIDOR, 60

Ender. leleg. — BÉNAC

Telephone n.º 723

RIO DE JANEIRO

ARTHUR DE CARVALHO & C.^a

Casa especial

DE OLEOS

IMPORTADORES DE KEROZENE

Rua do Rosario, 38

RIO DE JANEIRO